

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

AUDLINE RICHER SEGUIN

ENTRE A CHEGADA E A PARTIDA:
O SUL DO BRASIL NA ROTA DAS MIGRAÇÕES HAITIANAS CONTEMPORÂNEAS

CHAPECÓ
2025

AUDLINE RICHER SEGUIN

ENTRE A CHEGADA E A PARTIDA:

O SUL DO BRASIL NA ROTA DAS MIGRAÇÕES HAITIANAS CONTEMPORÂNEAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Neves Da Silva Ribeiro.

CHAPECÓ

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Seguin, Audline Richer

ENTRE A CHEGADA E A PARTIDA: o sul do Brasil na rota das migrações haitianas contemporâneas. / Audline Richer Seguin. -- 2025.

51 f.:il.

Orientador: Dr.Prof Vicente Neves da Silva Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2025.

I. Ribeiro, Vicente Neves da Silva, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

AUDLINE RICHER SEGUIN

ENTRE A CHEGADA E A PARTIDA:

O SUL DO BRASIL NA ROTA DAS MIGRAÇÕES HAITIANAS CONTEMPORÂNEAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Graduação em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 17/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **VICENTE NEVES DA SILVA RIBEIRO**
Data: 29/05/2026 08:53:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vicente Neves Da Silva Ribeiro – UFFS
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **TAISE STAUDT**
Data: 01/06/2026 10:24:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Ma. Taíse Staudt – UFSC
Avaliadora

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO MACHADO**
Data: 01/06/2026 15:15:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ricardo Machado– UFFS
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Ilsoina Lafleur e Orene Richer, por todo o zelo e dedicação que sempre me ofertaram. Dedico este trabalho primeiramente a eles, que me criaram, cuidaram e inspiraram a nunca desistir dos estudos, sempre trabalhando a meu lado para que eu pudesse chegar até aqui e concluir a minha graduação.

À meu amado marido Daphnet Seguin, por ser meu companheiro durante toda a trajetória da minha graduação, pela motivação, incentivo e por cuidar de mim. Eu amo você e nossa amada filha Ana Julia. Sou muito feliz a seu lado, onde espero continuar por muitos e muitos anos.

Obrigada a meu orientador, professor e doutor Vicente Neves Da Silva Ribeiro. Agradeço a escuta, a paciência e a ajuda no desenvolvimento da pesquisa e da escrita deste trabalho.

Agradeço também aos professores que me incentivaram, ajudaram e ensinaram, com muita paciência. Muito obrigada! Admiração eterna pelo trabalho de todas as professoras e professores — saibam que são fonte de inspiração.

Às minhas irmãs Marie-Ange e Nadeige, por me encorajarem durante esse tempo. Sou muito feliz por ter vocês como exemplos de pessoas dedicadas e como irmãs a meu lado. Aos amigos que fiz ao longo da graduação, Noé e Petuel, com quem mantenho contato, sempre trocando muitas conversas, e que fizeram meu tempo na graduação mais feliz. Agradeço aos meus entrevistados, por disponibilizarem um tempo de seu dia para os questionamentos da minha pesquisa: vocês são muito importantes não só para esta pesquisa, mas para o mundo também. Sou muito grata e admiro vocês por sua dedicação e história.

Por fim, meus agradecimentos aos professores Ricardo Machado e Taíse Staudt, por fazerem parte da banca examinadora para a leitura e avaliação desta pesquisa.

RESUMO

Ao abordar a história da imigração de haitianos no Sul do Brasil, nesta pesquisa, buscamos entender o fluxo migratório recente do Haiti ao Brasil, primeiro, para investigar as razões deste fluxo migratório e, depois, as razões da saída a partir de 2015. A imigração haitiana no Sul do Brasil, especialmente na região oeste de Santa Catarina, é um tema de estudo que contempla aspectos, como recepção e grau de acolhimento na sociedade brasileira. Propomos aqui um olhar que aborda o campo do trabalho, dos estudos e da família. Cabe ressaltar que um dos primeiros fluxos de pessoas de nacionalidade haitiana chegou ao Brasil após o terremoto de janeiro de 2010; esses imigrantes eram, em sua maioria, pais, estudantes e empresários que vieram em busca de uma vida melhor. Também buscamos entender por que ocorreu a saída do Brasil em direção a outro destino, como os Estados Unidos. A abordagem metodológica segue os relatos de dois homens haitianos que vieram para o Brasil em busca de melhores condições, mas, depois de alguns anos, levaram suas famílias, construídas no Brasil, a percorrer outra jornada, migrando para os Estados Unidos. James e Clifford eram pais, estudantes, trabalhadores e migrantes no Brasil. Os resultados iniciais incluem a vivência no país de origem, a chegada em um país estrangeiro, o processo migratório e a trajetória da família desses homens.

Palavras-chave: Imigração haitiana; Recepção; Acolhimento; Saída; Trajetória

ABSTRACT

By looking at the history of Haitian immigration in southern Brazil, this research seeks to understand the recent flow of Haitian migration to Brazil. It aims to investigate the arrival of Haitians in southern Brazil, why this migratory flow occurred, and then why this departure will occur from 2015 onwards. Haitian immigration in southern Brazil, especially in the western region of Santa Catarina, is a subject of study that addresses many aspects such as reception and the degree of acceptance in Brazilian society. Here, we propose a perspective that addresses work, studies and family. It is worth mentioning that one of the first flows of people of Haitian nationality arrived in Brazil after the earthquake of January 2010, but these immigrants were mostly parents, students and business people who came in search of a better life. We also seek to understand why this departure from Brazil to other destinations such as the United States occurred. The methodological approach is based on the stories of two Haitian men who came to Brazil in search of a better life, but after a few years they took the family they had raised in Brazil to another country in Jordan, where they left Brazil to migrate to the United States. They were named Jean and Jacques, and were parents, students, workers and migrants here in Brazil. The initial results indicate the experience of leaving their country of origin and arriving in a foreign country, the migration process and the trajectory of these men's families.

Keywords: Haitian Immigration; Reception; Welcome; Departure; Traject

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
CBP ONE	<i>Customs and Border Protection One</i> [Alfândega e Proteção de Fronteiras 1 - Aplicativo]
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul.
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
EUA	Estados Unidos da América
I-94	Formulário I-94, Registro de Chegada/Partida, documento utilizado pelos Estados Unidos para controlar a entrada e saída de estrangeiros no país. Registra informações como data de entrada, <i>status</i> de entrada, duração da estadia e ponto de entrada
BRF	Empresa Brasileira de Alimentos, antes conhecida como Brasil Foods.
SC	Santa Catarina
MINUSTAH	<i>Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti</i> [Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti]
COVID19	<i>Corona Virus Disease</i> 2019, na sigla em inglês
RG	Registro Geral
CPF	Cadastro de pessoas físicas
TPS	<i>Temporary Protected Status</i> [Estatuto de Proteção Temporária]
UBS	Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ENTRE A CHEGADA E A PARTIDA: o sul do Brasil na rota das migrações haitianas contemporâneas.	15
2.1 O FLUXO MIGRATÓRIO HAITIANO PARTIR DO SÉCULO XXI SUL DO BRASIL	15
2.2 POR QUE OCORREU A SAÍDA DE HAITIANOS DO BRASIL PARA OS ESTADOS UNIDOS?	17
2.3 ROTAS MIGRATÓRIAS BRASIL – ESTADOS UNIDOS	19
3 AS EXPERIÊNCIAS DOS ENTREVISTADOS QUE PERCORRERAM O CAMINHO PARA ENTRAR NOS ESTADOS UNIDOS	22
3.1 QUEM FALA?	23
3.1.1 James	23
3.1.2 Clifford	24
3.2 A CHEGADA NO EXTERIOR	25
3.2.1 James	25
3.2.2 Clifford	27
3.3 AS OPORTUNIDADES QUE O BRASIL OFERECEU OS MIGRANTES	29
3.4 A SAÍDA DE JAMES E CLIFFORD DO BRASIL: CAUSAS, ACONTECIMENTOS E TRAJETÓRIA.	31
3.4.1 James	31
3.4.2 Clifford	35
3.5 A ENTRADA DOS IMIGRANTES HAITIANOS NOS ESTADOS UNIDOS: DESAFIOS OU FACILIDADES?	38
3.5.1 James	39
3.5.2 Clifford	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42

1 INTRODUÇÃO

O Haiti tem cerca de oito milhões de habitantes e vive uma das crises humanitárias mais graves do mundo. Esta nação caribenha sofreu com dificuldades políticas, econômicas e sociais. O povo haitiano está presente no Brasil desde 1940, mas o fluxo migratório haitiano teve início em 2010. Desde a criação do Haiti como uma colônia francesa, a mobilidade e a migração, mesmo forçadas, aconteciam por meio da chegada de milhares de escravizados africanos no comércio transatlântico.

Antes do fluxo migratório haitiano no Brasil, que se iniciou após o terremoto de 12 de janeiro de 2010, não existem documentos e publicações detalhadas sobre a presença haitiana no Brasil ao longo do século XX. Araújo e Oliveira (2014) destacam que, até 1940, as nacionalidades de imigrantes com números não expressivos eram identificadas nos censos como “outras”, mas, a partir dessa data, todas foram identificadas, independentemente do número de pessoas. Sendo assim, registrou-se a presença de 16 haitianas(os) no Brasil em 1940, 21 em 1950, 159 em 1960, 90 em 1970, 127 em 1980, 141 em 1991, 15 em 2000 e 36 em 2010 (Araújo; Oliveira, 2014). Por se tratar de um número pequeno no conjunto de migrantes no Brasil, a migração haitiana não foi objeto de estudo até 2010.

Tal imigração advém do cenário social vivido no Haiti, que revela uma grave crise humanitária, conflitos políticos e econômicos. Muitos haitianos vêm ao Brasil em busca de emprego e de condições mais seguras entre as disponíveis em seu país, que sofre, desde 2010, com as consequências do terremoto que destruiu Porto Príncipe, capital do Haiti. O terremoto atingiu 7.2 graus na escala Richter e causou a morte de 300.000 pessoas¹. Esses acontecimentos nos levam a refletir e a perguntar: quais os motivos da migração de haitianos para o Brasil? Por que é difícil a entrada de haitianos no Brasil? Qual foi a principal razão que levou muitos haitianos a deixarem o seu país? A intenção desses imigrantes era trabalhar e ajudar as famílias que ficaram no Haiti. Porém, os haitianos enfrentaram outro obstáculo ao chegar no Brasil: o idioma.

A tese de Handerson (2015) relata a trajetória dos imigrantes no Haiti e seu percurso após a chegada ao Brasil. Na introdução desse trabalho, o autor mostra a evolução da imigração e nos faz pensar sobre as dinâmicas migratórias e as suas especificidades, que só podem ser compreendidas por meio da etnografia. Entre as questões apresentadas pela tese de

¹ TERREMOTO que matou 300 mil no Haiti faz 10 anos. *Agência Brasil*, Brasília, 12 jan. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-01/terremoto-que-matou-300-mil-no-haiti-faz-10-anos>. Acesso em: 12 out. 2025.

Handerson encontram-se a construção da diáspora haitiana e o contexto migratório vivido pelo Haiti ao longo de sua história como nação. Diante dos relatos de Handerson, é falso afirmar que, na história da sociedade migratória haitiana, apenas os anos de 2010 foram marcados por fenômenos migratórios.

O período coincidiu com a abertura de novos espaços para a diáspora haitiana na América do Sul, onde até então os haitianos eram poucos, com exceção da Venezuela e da região da Guiana, especialmente o Suriname e a Guiana Francesa. O fenômeno foi mal documentado pelas Ciências Sociais, ao contrário da presença de longa data do Haiti em países do Norte. Isso nos levou a considerar as migrações haitianas não apenas de uma perspectiva Sul-Norte, mas também, e principalmente, de uma perspectiva Sul-Sul, além do Caribe e das Guianas.

A maior dificuldade dos imigrantes foi superar a barreira do idioma. Atualmente, os migrantes enfrentam outros problemas como, por exemplo, falta de oportunidades de trabalho, acesso à moradia digna e serviços de saúde, problemas de transporte, diferenças culturais, educação dos filhos e preconceitos. A pobreza, os conflitos, o abandono social e as catástrofes naturais levam os seres humanos, na esperança de recuperar a dignidade, a abandonar seus países de origem em busca de uma melhor qualidade de vida. Mas, na maioria das vezes, o que os imigrantes encontram não era aquilo que esperavam.

Em geral, a fome, o desemprego e a discriminação os aguardam. Sabe-se que os países enfrentam muitos desafios e não cabe a uma só pessoa buscar as soluções. Na verdade, esse movimento de imigração não ocorre apenas nos países latino-americanos, mas é um movimento mundial em busca de sobrevivência. É, portanto, urgente debater esse tema a fim de encontrar soluções eficazes para aliviar a fome e o abandono que atingem os migrantes.

Na última década, a diáspora haitiana entrou numa nova fase de desenvolvimento caracterizada por uma expansão sem precedentes na América do Sul. Existem elementos conjunturais que explicam a orientação das mobilidades para a região. A manutenção de políticas migratórias flexíveis na América do Sul no início da primeira década do século XXI (2000-2010), que até recentemente contrastavam com o crescente encerramento das fronteiras dos países do Norte. A princípio, alguns países sul-americanos, como Equador, Peru, Argentina e Brasil também foram locais de trânsito e palco na trajetória migratória do povo haitiano em direção à Guiana Francesa (Joseph, 2015, p. 20).

Segundo Handerson (2015), o Caribe é uma das regiões do mundo mais afetadas pela migração internacional, se compararmos o número de emigrantes em relação à população que permanece nos territórios de origem. Os elementos conceituais que explicam a atual globalização migratória no Caribe estão relacionados à inclusão das ilhas nos mercados de

trabalho internacionais, estruturados por grandes metrópoles do Norte em um mercado (pós)colonial.

A expansão dos interesses e das políticas econômicas das missões militares e diplomáticas nas Caraíbas e particularmente no Haiti resulta em um notável desenvolvimento militar e diplomático após a criação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti ou MINUSTAH (BRASIL, [s. d.]), em abril de 2004, por meio da Resolução 1524 da Organização das Nações Unidas (ONU).

Em 2013, os brasileiros representavam 35% do efetivo militar da MINUSTAH, ao lado das forças dos países do Cone Sul (Argentina, Uruguai e Chile). Brasil e Chile têm representação diplomática permanente no país e tornaram-se importantes destinos migratórios para os haitianos durante a década de 2010. Para receber essa população foi aprovada a Resolução Normativa n. 97, de 12 de janeiro de 2012, que prevê em seu 1º artigo e parágrafo único:

Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro. Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010 (BRASIL, 2012).

Como mencionado anteriormente, a presença do povo haitiano no Brasil remonta à década de 1940; no Chile e na Argentina, à década de 1990. Por essa época, a maioria dos imigrantes era de estudantes, diplomatas e religiosos. A partir de 2010, a mobilidade haitiana na América do Sul ganhou novas configurações e perfis mais dinâmicos e heterogêneos. O que chamava a atenção do Haiti em relação ao Brasil era o futebol, a herança afrodescendente e as oportunidades econômicas oferecidas pelo país. Assim, Brasil e Chile projetaram novos domínios transnacionais, estruturados após o terremoto de janeiro de 2010.

Para entrar no Brasil, os imigrantes haitianos utilizam diferentes formas de mobilidade e registro. O presente estudo identificou as seguintes formas de entrada e permanência no país:

1) Visto por razões humanitárias expedidos nos consulados brasileiros, especialmente em Porto Príncipe; 2) Solicitação de refúgio, principalmente daqueles imigrantes que entraram pelo Estado do Acre, Mato grosso do Sul, e 3) Autorizações concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg). Essas foram as principais formas encontradas para a formalização desses imigrantes em território nacional (Cavalcanti *et al.*, 2017, p. 25).

No fluxo migratório de 2010, após o terremoto, os imigrantes eram, em sua maioria, pais, estudantes e empresários, e utilizaram diferentes meios para chegar e regressar temporária ou permanentemente. Para abordar a interseccionalidade, e como esse conceito amplia a percepção das inclusões sociais desse grupo migratório, apresentamos novas pesquisas, por meio de dados do Observatório Internacional de Migrações.

No segundo capítulo desta monografia, realizei entrevistas com imigrantes haitianos que vieram para o Brasil, mas que depois decidiram sair do país e migrar para outro destino. No primeiro capítulo, explico o contexto da imigração haitiana no Brasil; por isso, meu objetivo foi entender melhor por que essas pessoas deixaram o país. Seguindo a ideia do livro de Baeninger (2017), usei as entrevistas como parte principal da pesquisa. Quis ouvir diretamente o que os imigrantes tinham a dizer, para entender de onde vieram essas falas, para onde elas apontavam e como eles queriam ser compreendidos. Achei importante que eles mesmos pudessem contar suas histórias.

Durante as conversas, eles me contaram como foi viver no Brasil, os motivos que os trouxeram até aqui e também os desafios que enfrentaram. Muitos falaram sobre as dificuldades com o trabalho, a falta de oportunidades e até sobre o preconceito. Aos poucos, fui entendendo por que decidiram deixar o Brasil e tentar uma nova vida em outro país. Essas entrevistas me ajudaram a enxergar melhor a realidade desses imigrantes. Com elas, consegui entender que o Brasil, para muitos haitianos, não foi o destino final, mas apenas uma etapa no caminho para outro lugar.

As entrevistas foram realizadas de forma individual e remota, por meio de chamadas de vídeo, uma vez que os participantes residem atualmente nos Estados Unidos. Essa condição exigiu uma organização cuidadosa de horários, respeitando tanto a diferença de fuso horário quanto os compromissos profissionais dos entrevistados. Por isso, as entrevistas foram marcadas conforme a disponibilidade de cada um, mesmo que isso significasse horários fora do convencional.

Com James, por exemplo, iniciei a entrevista às 22h de um domingo e só encerramos por volta da meia-noite, pois esse era o único horário em que ele estava disponível, devido à sua intensa carga de trabalho durante a semana. Apesar do horário avançado, a conversa foi bastante rica e proveitosa. Já com Clifford, a entrevista foi realizada em duas quintas-feiras seguidas, às 10h, pois esse era o momento em que ele chegava do trabalho e conseguia conversar com mais tranquilidade. Esses ajustes foram fundamentais para garantir que os participantes se sentissem à vontade e tivessem tempo e disposição para compartilhar suas vivências.

Utilizei um roteiro semiestruturado, com perguntas previamente elaboradas, que serviram de base para a condução das entrevistas. No entanto, adotei uma postura flexível, permitindo que as falas fluíssem de forma espontânea, com espaço para que os entrevistados abordassem livremente suas experiências pessoais. As entrevistas foram realizadas em crioulo haitiano, francês ou português, dependendo do nível de domínio linguístico de cada entrevistado. Sempre respeitei a preferência de idioma de cada um, com o objetivo de garantir maior conforto, compreensão e profundidade nas respostas.

Todas as entrevistas foram gravadas com autorização prévia e, posteriormente, transcritas por mim. Em seguida, organizei os conteúdos em texto, mantendo a fidelidade às falas dos entrevistados. Os trechos em crioulo ou francês foram traduzidos por mim para o português, com o cuidado necessário de preservar o sentido original, o tom emocional e a riqueza das narrativas.

2 ENTRE A CHEGADA E A PARTIDA: o sul do Brasil na rota das migrações haitianas contemporâneas.

Esta pesquisa, que estuda imigração, migração e emigração, compreende a imigração, do latim *immigratus*, como o processo pelo qual um indivíduo entra em um território diferente de seu país de origem. O termo é mais comumente utilizado para se referir à migração internacional. Múltiplas causas podem estar associadas a esses movimentos, como procura de emprego, melhor colocação profissional e melhores condições de vida; desastres naturais e situações climáticas extremas; crises políticas e socioeconômicas; e perseguição étnica e religiosa. A emigração, do latim *emigratus*, ocorre quando uma pessoa ou grupo deixa seu país para se estabelecer em outro. Migrar, do latim *migro*, pode ser o termo utilizado quando uma pessoa se muda para uma nova região de seu país de origem, sem necessariamente viajar para o exterior.

Nos últimos dez anos, o Brasil acolheu mais de 1.085.673 imigrantes, dos quais, aproximadamente 60,8% residiam no país há mais de um ano. Os principais países de origem são o Haiti, localizado na ilha de Hispaniola, no Mar do Caribe, na América Central, e a Venezuela, que faz fronteira com o Brasil. Além disso, o aumento de migrantes internacionais no território nacional se deve à chegada de pessoas de países africanos, como Angola, Senegal e Congo.

Portanto, nesta pesquisa, apresentamos um panorama geral da imigração a partir de 2010 no Brasil, destacando a imigração para o sul do país, especificamente Santa Catarina, com foco nos imigrantes haitianos que deixaram o Brasil para outro destino, como os Estados Unidos.

2.1 O FLUXO MIGRATÓRIO HAITIANO PARTIR DO SÉCULO XXI SUL DO BRASIL

Desde a chegada dos portugueses no século XVI, no contexto histórico da navegação europeia, em terras que mais tarde foram chamadas de Brasil ocorreram intensos processos de migração internacional e diásporas. Meio milênio após a passagem do navio de Pedro Álvares Cabral, no século XXI, intensificou-se um processo de imigração caracterizado pelo aumento da chegada de latino-americanos, que buscam melhores condições de vida por meio do trabalho. Levam-se em conta também a hospitalidade e a cultura do Brasil, já que a imagem

internacional do país “vende” a ideia de uma nação acolhedora, com uma cultura homogênea, de raízes indígenas, europeias e africanas, e uma população mista.

Podemos observar um percurso que caracteriza a permanência dos imigrantes no Brasil e, posteriormente, a escolha por diferentes cidades do país. O Sul do país é sobretudo uma boa e excelente escolha, devido à oferta de trabalho no setor industrial. A maioria dos emigrantes vem trabalhar nas agroindústrias (frigoríficos). A necessidade dos imigrantes de encontrar emprego é muito grande, para garantir as condições mínimas de sobrevivência. Os frigoríficos BRF, Aurora e Seara² são os líderes e os melhores da região. O Brasil passou a receber mais pessoas haitianas que buscavam refúgio. Essa migração haitiana está relacionada a causas econômicas que afetaram o país, acrescidas pelo terremoto que o devastou em 2010.

Em 12 de janeiro de 2010, o tremor que matou mais de 200 mil teve magnitude 7. E, até os dias de hoje, há mais de 1,5 milhão de flagelados pelo desastre e a pobreza, que já era significativa naquela época, aumentou ainda mais no país que tem o terceiro pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do mundo. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o número de mortos após o terremoto de 2010 chegou a 300 mil (Lara, 2021).

Entretanto, a chegada de haitianos pelas fronteiras terrestres do Brasil foi crescente e demandou um mecanismo regulatório de migração por parte do Estado brasileiro. Foi nesse contexto que o CNIg publicou a Resolução n. 97/2012, em 12 de janeiro, exatamente dois anos após o terremoto. Tal medida teve um grande impacto na migração haitiana, tendo em vista que normatizou a questão do visto humanitário, possibilitando uma migração regular; mas, por outro lado, estabeleceu um limite anual de 1.200 vistos, gerando uma crise migratória não prevista.

Art. 2º O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe (BRASIL, 2012).

Do ponto de vista constitucional, era necessária uma lei para esses refugiados que passaram a se estabelecer no Brasil. Porém, o país tem a obrigação legal de fornecer o apoio necessário para que os imigrantes se estabeleçam em seu território, pois o Brasil está internacionalmente comprometido com a Convenção sobre Refugiados de 1951, também conhecida como Convenção de Genebra.

Do ponto de vista nacional, temos a Lei n. 9.474, de 1997, que trata especificamente de refúgio. Por outro lado, existe a legislação migratória, que regula a entrada de estrangeiros

² Para mais informações sobre os frigoríficos mencionados, ver: BRF S.A. Disponível em: <https://www.brf-global.com>; COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS. Disponível em: <https://www.auroraalimentos.com.br>; SEARA ALIMENTOS. Disponível em: <https://www.seara.com.br>. Acessos em: 12 out. 2025.

no país, sejam turistas, empresários ou estudantes. Segundo o *Jornal do Senado*, de 27 de junho de 2017 (Vasco, 2017), o Brasil já conta com uma nova Lei de Migração, que garante direitos e protege os estrangeiros contra a discriminação. Essa norma (Lei n. 13.445/2017) substituiu o Estatuto do Estrangeiro, herdado do regime militar. A elaboração dessa legislação, cujos princípios são a igualdade de direitos e o combate à xenofobia e à discriminação, vinha sendo defendida desde a redemocratização do Brasil.

2.2 POR QUE OCORREU A SAÍDA DE HAITIANOS DO BRASIL PARA OS ESTADOS UNIDOS?

Sabemos que depois do sismo de 12 janeiro, o Brasil passou a ser considerado um lugar de passagem para muitos migrantes haitianos que, na época, estavam tentando chegar à Guiana francesa (Joseph, 2015a). O país passou a integrar o espaço sociogeográfico haitiano, bem como se tornou um lugar de passagem e permanência, conformando um vasto repertório de paisagens que compõem os diferentes caminhos tomados pelos haitianos na busca por uma vida melhor. Em consideração a essa trajetória, devemos também analisar a sociedade haitiana sob a perspectiva de sua diáspora (Joseph, 2015a, 2015b; Glick-Schiller, 2011), já que nenhum evento isolado produziu ou provocou a migração, mas sim uma tendência histórica de deslocamentos e fluxos migratórios.

A partir de 2015, estendendo-se até 2016, houve um fluxo de haitianos que deixaram o Brasil para se refugiar em países como Canadá, Estados Unidos e México, ou para retornar ao país de origem. Nesta monografia, buscaremos observar quais foram as causas desta saída.

No início de 2015, o Brasil passou por uma crise econômica significativa, que contribuiu para a redução do fluxo de haitianos. Um relatório do Observatório das Migrações Internacionais (Cavalcanti *et al.*, 2016) mostra que, em 2015, 54.086 imigrantes foram admitidos no mercado formal brasileiro, em comparação com 48.039 demissões. No entanto, os resultados são negativos se considerados os últimos três meses do ano, com 9.687 frente a 11.481 demissões. A tendência é semelhante entre os haitianos, com 28.920 admissões e 21.918 demissões em 2015, mas o mês de dezembro já apresenta saldo negativo, com 1.357 admissões contra 1.729 demissões. No relatório referente ao ano de 2023, indica-se que:

Em 2022, pela primeira vez, os trabalhadores venezuelanos ultrapassaram em volume os trabalhadores haitianos. Em 2020, havia quase o dobro de haitianos no mercado de trabalho formal no Brasil quando comparado com os venezuelanos, comportamento que começou a mudar em 2021, quando a diferença foi reduzida para pouco mais de 5,0%. Com o crescimento expressivo do número de venezuelanos, em 2022, e a queda de trabalhadores haitianos, a situação de 2020 se

inverteu e o volume de venezuelanos chegou a quase o dobro de haitianos (Cavalcanti *et al.*, 2023, p. 26).

Segundo Henderson (2015), entre 2010 e 2014, esses haitianos que já estavam no Brasil, incentivaram aqueles que ficaram no Haiti, na República Dominicana ou em outros países a virem para o Brasil, pois, do ponto de vista deles, *Brezil gen lavi* (“No Brasil há vida e esperança”) e, por isso, trata-se de um país para *Chèche lavi miyò* (“Tentar uma vida melhor”). Por sua vez, em 2015 e 2016, boa parte deles passou a desaconselhar familiares e conhecidos a virem para o Brasil, entre outros fatores, devido ao desemprego no país e ao fato de se decepcionarem quando aqui chegaram, em razão dos baixos salários recebidos, bem como das discriminações raciais e das agressões verbais, psicológicas e físicas sofridas.

O ano de 2015 na economia foi dominado por números negativos na grande maioria dos indicadores. Passou a ser comum cada nova divulgação de queda, perda, retração ou expectativa vir acompanhada também da informação de que se tratava do pior resultado em alguma quantidade de anos ou desde alguma data longínqua (Alvarenga, 2015).

Como o Brasil estava passando por um período difícil, muitos migrantes haitianos continuaram a considerar a possibilidade de migrar para outro destino, como os Estados Unidos, vistos como uma potência mundial. Eles acreditavam que lá poderiam ter uma vida melhor, pois, ao escolherem um país para viver, geralmente buscam melhores condições em relação ao país de origem, seja para estudar ou trabalhar. No caso dos haitianos, os Estados Unidos representavam melhores oportunidades de vida e trabalho. Isso pode ser observado, por exemplo, na diferença de poder aquisitivo: o salário-mínimo no Brasil era, em 2023, R\$ 1.320,00, o que equivale a aproximadamente US\$ 239,44 por mês, de acordo com a taxa de câmbio daquele ano.

A maioria dos Haitianos que reside no Brasil tem um familiar ou um amigo nos Estados Unidos. Eles falam sobre sua renda e mencionam os benefícios de se viver em países desenvolvidos, como os EUA e o Canadá. No entanto, pouco se fala sobre os enormes riscos do trajeto: além de milhares de quilômetros de estrada, é possível encontrar grupos armados e o tráfico de pessoas, sem contar os vários dias de caminhada por uma selva úmida, infestada de animais.

O repórter Alejandro Milán Valencia descreveu o Darién, a floresta entre a Colômbia e o Panamá, nos seguintes termos:

Não há dúvidas: a região de Darién sempre toma algo para si. Com 575 mil hectares, essa área de selva entre o Panamá e a Colômbia interrompe a rodovia Panamericana, que liga a maioria dos países da América. É um lugar inóspito e perigoso. Estávamos caminhando havia 12 horas nesse emaranhado de muro vegetal que o Panamá e a Colômbia compartilham quando me dei conta - a ponto de desmaiar de

cansaço, pelo calor e pela umidade de que, se não se levantasse e segue adiante, o Darién iria me tragar. Mas não se sabe exatamente quantos morreram. Nem quantos cartéis os utilizam para traficar drogas da América do Sul até o México. Nem quantas pessoas vivem ali (Valencia, 2018).

2.3 ROTAS MIGRATÓRIAS BRASIL – ESTADOS UNIDOS

No Estados Unidos, o pagamento é feito por hora. Um salário-mínimo mensal no país é de aproximadamente US\$ 1.160, considerando o valor federal de US\$ 7,25 por hora e uma jornada de trabalho de 40 horas semanais. Essa quantia pode variar dependendo da cidade ou estado. Muitos haitianos que vieram para o Brasil deixaram familiares no Haiti, como filhos, pais, irmãos ou outros parentes próximos, que dependem de seu apoio financeiro. No entanto, com os salários recebidos aqui, nem sempre é possível sustentá-los à distância. Embora a moeda oficial do Haiti seja o gourde (HTG), na prática, o dólar americano é amplamente utilizado no país, o que torna o custo de vida ainda mais alto para quem envia dinheiro para lá.

Segundo Abdelmalek Sayad (1998), a condição do ser migrante coloca o indivíduo em uma situação de aceitar trabalhos mais penosos e menos remunerados. Contudo, a experiência haitiana mostra que essa situação é mais complexa, visto que muitos haitianos reclamam dos salários e deixam seus empregos para buscar outros, em razão dos baixos salários, da precariedade e dos maus-tratos nos locais de trabalho. Isto desmistifica a ideia de que os migrantes são passivos em relação aos baixos salários ou reféns de trabalhos menos qualificados e precários.

A pandemia da COVID-19 colocou um freio na saída de haitianos no período que vai do final de 2019 à metade de 2020. Sem oportunidades de trabalho e diante de economias paradas, segundo dados do Departamento de Imigração do Ministério da Justiça do Brasil, em 2020 foram registrados 6.613 pedidos de refúgio, o que representa 40% a menos em relação ao ano anterior.

O CBP One³ é um aplicativo móvel desenvolvido pela *U.S. Customs and Border Protection* (CBP), órgão responsável pela proteção de fronteiras e documentos nos Estados Unidos. O aplicativo foi lançado em 28 de outubro de 2020, inicialmente para auxiliar empresas de transporte rodoviário comercial no agendamento de inspeções em concessionárias. Em janeiro de 2023, suas funcionalidades foram ampliadas para incluir

³ Para mais detalhes sobre o CBP One, ver: CBP ONE: An Overview. **American Immigration Council**, 24 mar. 2025. Disponível em: <https://www.americanimmigrationcouncil.org/fact-sheet/cbp-one-overview/>. Acesso em: 12 out. 2025.

migrantes em situação irregular que buscam proteção contra violência, pobreza ou perseguição. Em maio de 2023, o CBP One passou a ser utilizado pela administração Biden para a segunda etapa do pedido de asilo na fronteira entre os EUA e o México, incluindo o agendamento de entrevistas de asilo.

O aplicativo gratuito para celular CBP ONE permitirá aos imigrantes que não possuem os documentos apropriados para admissão e que buscam viajar para os Estados Unidos através de certos portos de entrada terrestres (POEs) da parte sudoeste, o envio de informações por meio de um módulo no aplicativo ao invés de ir diretamente para aguardar em um porto de entrada (U.S. CUSTOMS..., *s. d.*).

Os haitianos instalados no Brasil migraram para outros países antes de virem para o Brasil. Por exemplo, houve um fluxo de haitianos que moraram no Chile; a maioria deles veio da República Dominicana, da Guiana, da Argentina, entre outros países.

Já as rotas da migração Brasil–Estados Unidos envolvem cerca de 11 países: Bolívia, Peru, Equador e Colômbia, que fazem fronteira terrestre com o Brasil, além da passagem por Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras e Guatemala, até chegar ao México. Os migrantes chegam pela porosa fronteira com o Equador. As autoridades da Colômbia e do Panamá concordam que seus países são apenas zonas de trânsito. Mas, ao final, a escolha da rota vai depender do chefe da família. Os haitianos que deixaram o Brasil para migrar aos Estados Unidos geralmente possuem um parente naquele país. Em algumas vezes, a escolha da rota é feita por esse parente, que também ajuda a custear os gastos da viagem.

Neste estudo, os sujeitos são o ponto central e, por meio de suas relações, permitem que a pesquisa se torne protagonista. Tanto os locais de chegada (Brasil) quanto os locais de saída são múltiplos e diversos, caracterizando a noção de multipolaridade na migração haitiana para os Estados Unidos, conforme mencionado por Handerson (2015).

Mapa 1 – Ponto de saída do Brasil.



Fonte: elaborado pela autora com o uso da ferramenta Google Maps.

3 AS EXPERIÊNCIAS DOS ENTREVISTADOS QUE PERCORRERAM O CAMINHO PARA ENTRAR NOS ESTADOS UNIDOS

Para realizar esta pesquisa, primeiramente busquei imigrantes haitianos dispostos a participar, de modo voluntário, de uma roda de conversa. Em seguida, selecionei duas pessoas para participar da pesquisa. Essas pessoas viveram por um período no sul do Brasil, no estado de Santa Catarina, mas, por motivos desconhecidos, optaram por deixar o país e imigrar para outro destino. Busquei coletar suas memórias sobre a estadia no Brasil e sobre o que levaram consigo durante essas longas e difíceis jornadas rumo a outros países, em busca de novas e melhores perspectivas de vida. Após a apresentação da pesquisa, foi marcada a data da conversa com os entrevistados, James e Clifford.

Como se trata de uma pesquisa majoritariamente qualitativa, centrada em experiências individuais vividas durante o processo migratório, recorri ao estudo de Taíse Staudt, intitulado *Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil* (2018). Essa pesquisa reúne narrativas de imigrantes haitianos e contribui para pensar, em perspectiva, os deslocamentos do povo haitiano para outros destinos.

Mais do que uma afirmação e uma palavra utilizada como verbo, substantivo e adjetivo para qualificar e designar pessoas, objetos, dinheiro, casas, envolvendo também um conjunto de ações, qualidades morais e estados, diáspora é um conceito que ilumina o mundo social, conjugando a gramática e a linguagem da mobilidade haitiana, revelando elementos da identidade nacional e da memória de um povo que carrega consigo a cultura e a arte do deslocamento. Digo cultura da mobilidade, visto que ela faz parte do modo de ser e de viver de boa parte da população haitiana. Alguns precisam *chache lavi*, tentar uma vida melhor no exterior (*lòt bò dlo*) para ajudar os que ficam ou quem sabe para um dia retornar, com uma vida melhor, tornando-se uma pessoa diáspora no Haiti (Staudt, 2018, p. 9).

De acordo com Staudt (2018), o Brasil esteve presente no Haiti por meio de uma atuação econômica e militar, ao lado de outros países que afirmavam estar contribuindo para a recuperação social e econômica haitiana. No entanto, o próprio Brasil ocupa uma posição subimperialista e não possui força suficiente para competir com grandes potências, como os Estados Unidos. Diante disso, o país busca ampliar sua influência por meio de mercados e de ações sociais, o que faz com que muitos haitianos em situação de vulnerabilidade aceitem trabalhar no Brasil por salários muito baixos. Dessa forma, o Brasil acaba sendo visto no Haiti como uma potência emergente, o que contribui para a construção da ideia de que migrar para o país traria benefícios e melhores oportunidades.

A partir do terremoto que ocorreu no início do ano de 2010 às condições do país e da população para manter as exigências mínimas de sobrevivência se tornaram mais complexas, gerando a necessidade de buscar de maneira urgente melhores condições

em outros países. A partir desses movimentos, o Brasil se torna a rota mais frequente de passagem haitiana (Staudt, 2018, p. 27).

James entrou no Brasil 9 de novembro de 2018. Seu objetivo era encontrar um bom trabalho para poder sustentar a esposa e a família, que permaneciam no Haiti, e também cursar uma faculdade. Em julho de 2019, ele conseguiu uma vaga na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), onde cursou Pedagogia até o quinto semestre. Durante todo esse período, a esposa de James permaneceu no Haiti. Três anos depois, ela entrou no Brasil, em 19 de julho de 2022. Pouco tempo após a chegada da esposa, o casal decidiu mudar a trajetória familiar e deixar o Brasil, migrando para outro destino em 16 de março de 2023.

Clifford deixou o Haiti em abril de 2013. Passou pela República Dominicana e, posteriormente, entrou no Brasil pelo Acre, com o objetivo de encontrar emprego. No entanto, naquele período, as oportunidades de trabalho eram escassas. Cerca de um mês depois, viajou para Mato Grosso do Sul, mas, sem conseguir trabalho, seguiu para Porto Velho, onde começou a trabalhar. Mais tarde, Clifford mudou-se para o Sul do Brasil, fixando-se no estado de Santa Catarina, na cidade de Guaramirim. Nessa cidade, conheceu uma moça haitiana e, juntos, constituíram uma família. Anos depois, nasceu a filha do casal. Em seguida, decidiram deixar o Brasil para migrar para os Estados Unidos, em maio de 2022.

3.1 QUEM FALA?

3.1.1 James

A seguir, apresenta-se um trecho da transcrição da entrevista realizada com James, em 04 de Maio de 2025.

Eu nasci na comuna do Haiti que se chama Petit-Trou-de-Nippes, no dia 27 setembro 1989. Tenho 35 anos. Venho de uma família pobre. Perdi minha mãe quando eu tinha quatro anos, não tenho lembrança de como ela era. Isso me deixou com um choque (*chòk*), crescer sem uma mãe ao seu lado. O nosso pai não cuidou de nós, foi o meu falecido tio que criou eu e meus irmãos, pagou a escolaridade, mostrou o caminho certo para nós, levava-nos para a igreja, e graças à educação que ele me deu, hoje eu estou aqui com você para fazer essa conversa.

A seguir, apresenta-se um trecho da transcrição da entrevista realizada com Clifford, em 13 de Junho de 2025.

Mapa 3 – Local de nascimento de Clifford no Haiti.



Fonte: elaborado pela autora com o uso da ferramenta Google Maps.

Eu nasci no norte do Haiti, em Cap-Haïtien (Cabo Haitiano), em agosto de 1992. Quando eu era criança, eu não tive muita liberdade para passear fora de casa. Cresci com a minha mãe numa família de seis filhos. Éramos nós que cuidávamos da casa e fazíamos comida. A minha mãe é vendedora, ela não teve sorte de concluir o ensino médio, mas fazia tudo para cuidar de nós.

A vida lá do Haiti não era tão difícil. A minha mãe, que é vendedora, fazia de tudo para cuidar da gente. Chegou um ponto em que a condição do país mudou rapidamente, de um jeito que eu não consigo explicar até hoje. Aí eu comecei a pensar em sair desse país. Nessa época, o Brasil oferecia grande oportunidade para os estrangeiros. Em abril de 2013 deixei o Haiti para vir atrás dessa oportunidade e, no mesmo ano, consegui chegar no Brasil.

3.2 A CHEGADA NO EXTERIOR

3.2.1 James

Eu saí direto do aeroporto de Porto príncipe para chegar ao Brasil, em Chapecó-SC. Foi um processo legal. Eu fiz um pedido de visto humanitário na OIM. Depois que consegui o visto, comprei a passagem. Deixei o Haiti numa quinta-feira, dia 8 de novembro de 2018. Foi um dia marcado na minha mente, porque nesse dia eu fiz muitas perguntas sem resposta, por exemplo: será que o meu amigo vai vir me buscar no aeroporto? Será que eu vou conseguir um emprego? Será que eu vou gostar do Brasil? Eu vou para um país em que não tenho família, só um amigo. O que está me esperando nesse país? Como vai ser o acolhimento?

Nesse dia eu estava olhando para as pessoas que eu amo muito e que estou deixando para trás, e você vai sem saber quando vai voltar, se vai demorar 1 ano ou 3 anos. Foi um momento muito intenso e forte, com muita tristeza.

Peguei o voo. Foi a primeira vez que eu andei de avião. Foi uma coisa boa também saber que você vai conhecer outra língua, cultura, mas também foi um choque (*chòk*). Quando eu cheguei no Rio de Janeiro, foi um choque (*chòk*) total. Eu não sabia falar português, o aeroporto era muito grande, aí começaram a surgir as dúvidas: Deus, e se eu fico perdido nesse lugar (*Bondye e sim pedi oubyen m anfouyaye*). O que me ajudou muito foi que tinha uma pessoa no aeroporto que falava francês, aí eu senti um alívio. Eu estava pensando que, se eu precisasse de alguma coisa, essa pessoa ia me ajudar.

Eu não sabia absolutamente nada sobre a cidade de Chapecó-SC. No Brasil mesmo eu aprendi a cumprimentar as pessoas. Morei no Brasil, em Chapecó-SC, no bairro Engenho Braun, por quatro anos e quatro meses.

Durante as entrevistas com James e Clifford, fiz perguntas sobre o acolhimento aqui no Brasil. Os entrevistados contaram histórias sobre as experiências vivenciadas com estrangeiros. Um exemplo foi a história citada por James quando perguntei: Você se sentiu um estrangeiro, uma pessoa de fora quando chegou ao bairro em que iria morar? A seguir, transcrevo a resposta de James a essa pergunta.

Você acabou de chegar no bairro (*katye*) onde ninguém conhece você, numa língua que você ainda não sabe falar, uma cultura que você não conhece, um outro modo de vida. Mas na casa do meu amigo eram só haitianos que moravam ali. Lembro de uma vez em que eu precisava muito de uma cola *glue* (*kleziklou*). Fui num minimercado perto da minha casa para comprar a cola. Entrei, procurei, mas não achei. Como eu não sabia falar português, não sabia como pedir isso. Olhei todos os cantos e não falei nada para a vendedora. Voltei para casa e senti um choque (*chòk*), porque talvez o produto estivesse lá e eu não consegui encontrar.

O Haiti é um país tropical, temos uma cultura que muito rica, e isso permite que a gente se adapte mais fácil. Temos coisas parecidas na nossa cultura com a cultura brasileira. A riqueza da diversidade cultural do Haiti permite que os haitianos tenham uma grande capacidade de adaptação a qualquer país para onde forem. E o Brasil parece que tem quase a mesma história que o Haiti, como a liberação da escravidão. Na comida, por exemplo, temos comidas semelhantes. Na questão da língua foi muito difícil, por isso no começo não consegui emprego. Fiz uma entrevista e não consegui responder às perguntas. Na questão do clima, para a gente que sai de um país tropical foi muito difícil. Às vezes não sabe a roupa adequada para vestir, ou às vezes coloca roupa demais e passa calor. Também tem a previsão do tempo: eu nunca olhava no Google quando ia chover ou quando ia esfriar, e até hoje eu tenho esse problema.

Eu tive a ideia de entrar no Brasil junto com a minha esposa. Infelizmente não teve como por causa do dinheiro. Depois, quando consegui guardar a quantidade de dinheiro que eu precisava, começou a pandemia da COVID-19, aí não teve nenhum jeito. Dois anos depois da pandemia eu consegui fazê-la entrar no Brasil, no ano de 2022. O meu amigo me ajudou muito. Quando cheguei no Brasil, consegui um emprego depois de quatro meses. Foi ele que pagou tudo: aluguel, compras — por exemplo, se eu precisava de sabão ou creme dental, ele comprava para mim sem problema. Para eu conseguir o emprego, ele pegou uma ficha na empresa para mim. Na época, para fazer entrevista, precisava da indicação de uma pessoa pelo menos. Ele falou com o chefe para me ajudar a ter um emprego. Aí depois eu consegui o emprego.

Uma das coisas que, depois que eu cheguei, eu sempre guardo é o meu caráter e a minha cultura. Mantive o mesmo respeito pelas pessoas que me conhecem. Mas tem uma coisa que eu não tinha quando cheguei no Brasil e que, graças a essa viagem, eu consegui ter: a tolerância. Uma coisa que eu não tinha no Haiti. Eu aprendi a respeitar a opinião e o ponto de vista das outras pessoas.

Não foi fácil encontrar trabalho, por causa da língua, que eu não falava, porque você precisa fazer uma entrevista e precisa saber o básico da língua. Também tem os

exames médicos, como para ver se seus olhos estão funcionando bem, se você enxerga as coisas de perto ou de longe, se sua coluna está funcionando bem, exame de sangue, exame de força — às vezes estão verificando se está tudo bem com sua saúde. Qualquer resultado que dê errado, você está fora. Isso também tem efeito psicológico, deixa você estressado.

Se você consegue fazer todo esse processo e dá tudo certo, agora vem a maior coisa, que é enfrentar o desafio. Você precisa de adaptação a um tipo de trabalho que nunca conheceu e nunca fez no seu país. Foi um choque para mim quando eu cheguei na BRF (*se te yon chòk Pou mwen lem te rive na BRF*). Nunca pensei que eu faria um trabalho assim na minha vida. As minhas mãos começaram a inchar, as inflamações eram muito espalhadas pelos dedos. A partir daí eu comecei a pensar sobre a minha reorientação migratória, comecei pensar como eu vou sair dessa situação. Às vezes eu precisava fazer bastante massagem nos dedos para poder trabalhar. A condição do trabalho não era fácil para mim.

A fala de James sobre a sua saída do Haiti revela profunda emoção, incerteza e vulnerabilidade. Ele descreve a angústia, o medo e a tristeza que sentiu ao se separar de seus entes queridos e enfrentar o desconhecido. A decisão de migrar não é apenas logística, mas também profundamente emocional, marcada por perguntas sem respostas e pela esperança de uma vida melhor. "Foi um dia marcado na minha mente, porque nesse dia eu fiz muitas perguntas sem resposta...". James revela que o processo migratório, muitas vezes, ocorre sem garantias, sustentado apenas por expectativas e laços frágeis com o país de destino. A presença de um amigo em Chapecó foi essencial, mas não acalmou os medos iniciais.

James enfrentou um profundo choque cultural e linguístico ao chegar no Brasil. A sensação de ser estrangeiro em todos os sentidos da palavra, os costumes e o modo de vida estavam no centro de suas preocupações. "Você acabou de chegar no bairro (*katye*) onde ninguém conhece você, numa língua que você ainda não sabe falar, uma cultura que você não conhece, um outro modo de vida". Os episódios relatados, como a dificuldade de comprar cola por não saber o nome do produto em português, são emblemáticos da barreira linguística como obstáculo à autonomia e à dignidade. Reconhece-se também que, apesar dessas dificuldades, a rica e diversa cultura haitiana facilita a adaptação, construindo pontes com certos aspectos da cultura brasileira.

A questão climática também é importante: o frio, as vestimentas e até mesmo o desconhecimento da previsão do tempo reforçam a hostilidade do cotidiano para quem não está familiarizado com o novo contexto.

3.2.2 Clifford

Em 2013, eu não fiz o pedido de visto turístico do Haiti para o Brasil. Peguei visto para a República Dominicana, comprei a passagem e entrei na República Dominicana. Depois comprei passagem para o Equador. Quando cheguei no

Equador, fiz a demanda de visto para o Brasil, consegui o visto e saí do Equador. Passei pelo Peru e, depois do Peru, cheguei ao Brasil. Entrei pelo Acre. Toda essa trajetória de ônibus levou dias.

Olha, eu não sabia absolutamente nada sobre o Brasil. Cheguei em abril de 2013, não tinha ninguém com quem podia contar. Comecei a procurar novas amizades depois, mas mesmo assim não tive ajuda de ninguém. Cheguei ao Brasil sem família, sozinho. No começo eu fiquei numa casa de refugiados no Acre. Depois o grupo de haitianos que estava nessa época começou a fazer o processo para adquirir documentos legais. Passei dois meses no Acre, procurei trabalho e não achei nada. Mas teve um amigo que morava em Rondônia, em Porto Velho. Ele contou para nós que era fácil encontrar trabalho lá e me pediu para ir. Comprei a passagem e fui junto com outro amigo, mas quando cheguei era outra realidade. Comecei procurar trabalho e não achei nada, era a mesma coisa que no Acre.

Entre em contato com amigo meu que estava em Mato Grosso. Ele estava trabalhando e eu achei legal, porque tinha uma empresa que estava contratando muitas pessoas. Também queria ir para lá e novamente troquei de estado e cidade, porque eu estava atras de emprego. Cheguei em Cuiabá e a condição não era favorável. No refúgio não tinha mais espaço para receber mais gente, até não tinha onde ficar. Sim, fui contratado por várias empresas, passei um tempinho trabalhando, mas não foi aquilo que eu estava esperando. Na mesma época ouvir falar sobre Santa Catarina, que era um estado que estava acolhendo os imigrantes, onde o salário era maior e a condição de vida era melhor. Tem bastante escola pública e universidade, era meu sonho fazer uma faculdade. Aí, com todas essas oportunidades, resolvi vir morar em Santa Catarina, na cidade Guarany.

Olha, como eu falei antes, morei em três estados diferentes em menos de três meses. No terceiro, que foi o último, passei mais ou menos sete anos. A minha chegada no Brasil, no começo, mesmo com a língua e a cultura bem diferentes das nossas, eu não estava me sentindo como estrangeiro. O acolhimento dos brasileiros, o jeito que eles tratavam a gente, fazia a gente não parecer estrangeiro para eles no Acre. Como nós não conseguíamos trabalhar lá, deixamos o refúgio. O acolhimento em Porto Velho e no Acre era totalmente diferente. No campo de refúgio em que fomos em Porto Velho não tinha espaço adequado para nós ficarmos, mesmo quando comecei a trabalhar lá, e deixei para vir morar em Guarany.

No começo não foi fácil porque eu não falava português. No ensino médio eu aprendia o espanhol e, como o espanhol tem umas palavras semelhantes ao português, eu usava algumas palavras para me comunicar com as pessoas. Isso me ajudou muito no meu trabalho. Depois fiz um curso de português com um professor brasileiro que ensina português para estrangeiros. Cheguei no Brasil sozinho. Três anos depois, em 2017, encontrei uma moça, a gente começou a namorar e depois criamos uma família. Antes disso, o processo de adaptação não fácil também. Fui acolhido pelas Testemunhas de Jeová, que se tornaram uma família para mim. Eles me ajudaram muito nessa época, tornaram-se irmãos e irmãs para mim.

O relato de Clifford é um testemunho rico das experiências e desafios enfrentados pelos migrantes haitianos em sua jornada de deslocamento e adaptação no Brasil. Sua história evidencia não apenas as dificuldades materiais e institucionais do processo migratório, mas também revela aspectos emocionais e socioculturais que marcam profundamente a vida de imigrantes em contextos de vulnerabilidade.

Desde o início, Clifford descreve uma jornada migratória complexa e arriscada, marcada por múltiplas escalas e pela ausência de garantias institucionais. Sem conseguir o visto diretamente no Haiti, ele optou por uma rota alternativa, passando por países como República Dominicana, Equador, Peru e, por fim, entrando no Brasil pelo Acre. Esta jornada

destaca até que ponto a burocracia da migração internacional impõe barreiras, forçando muitos haitianos a percorrerem rotas longas e perigosas, muitas vezes em condições precárias, como viagens de ônibus exaustivas, expondo-os a vários riscos.

O que motivou Clifford para migrar a outro destino está enraizado em um imaginário de oportunidades transmitido por um conhecido: acesso à educação pública e a possibilidade de um bom emprego. Esses dados são fundamentais porque demonstram como as decisões migratórias são muitas vezes pautadas por narrativas idealizadas, nem sempre compatíveis com a realidade encontrada. Ao chegar ao Brasil, Clifford se viu em uma situação de desamparo, sem família ou rede de apoio, o que reforçou a vulnerabilidade inicial do novo imigrante.

A passagem por diversos estados (Acre, Rondônia, Mato Grosso e, por fim, Santa Catarina) revela o caráter errático e instável da experiência migratória, marcada pela busca constante por trabalho e melhores condições de vida. Apesar das promessas de acolhimento em algumas regiões, ele enfrentou condições precárias nos centros de refugiados, dificuldades de integração ao mercado de trabalho e ausência de políticas públicas efetivas de integração. Essa mobilidade interna forçada, dentro do próprio Brasil, evidencia a ausência de uma estrutura nacional coordenada para acolher e incluir imigrantes.

Outro aspecto relevante do relatório é a adaptação cultural e linguística. Sem ser fluente em português, Clifford inicialmente se comunicava em espanhol, demonstrando resiliência e adaptabilidade. Mais tarde, fez um curso de português, passo crucial para seu trabalho e integração social. Construir novas redes sociais, como se conectar com Testemunhas de Jeová e formar uma família no Brasil, representam passos importantes no processo de reconstrução de identidade e pertencimento em uma terra estrangeira.

O depoimento também oferece um interessante contraponto à recepção regional, contrastando experiências no Acre, Rondônia e Santa Catarina. Embora enfrente dificuldades em todos os lugares, ele destaca um acolhimento mais humano em Santa Catarina, onde mora há sete anos, e sugere que o acolhimento varia bastante conforme o local, o que impacta diretamente na qualidade de vida do imigrante.

A história de Clifford é representativa de muitos haitianos que vieram para o Brasil após o terremoto de 2010, motivados pela esperança de uma vida melhor. Seu relatório nos convoca a refletir sobre a responsabilidade do Estado e da sociedade civil brasileira na construção de políticas de acolhimento mais justas, que promovam não apenas a legalização de documentos, mas também a inserção digna no mercado de trabalho, o acesso à educação, à moradia e à saúde.

3.3 AS OPORTUNIDADES QUE O BRASIL OFERECEU OS MIGRANTES

Durante o tempo em que James e Clifford moraram no Brasil, eles tiveram oportunidade de fazer um curso técnico e um curso superior, por meio de um programa oferecido aos imigrantes. James contou como que se beneficiou com esse programa e como conseguiu uma vaga. A seguir, transcrevo esse trecho da entrevista.

Eu tive essa oportunidade. Primeiro fiz uma inscrição na UFSC para fazer um curso técnico. A secretaria da escola falou que iria me chamar. Também fiz a inscrição na UFFS, fiz o concurso e passei. Ao mesmo tempo, a UFSC me chamou para fazer o curso técnico que eu queria fazer antes, mas eu tive que fazer uma escolha. Eu falei: como eu fiz o concurso e passei, vou fazer a faculdade de Pedagogia mesmo, vou deixar o curso técnico.

Mas não foi fácil fazer uma faculdade e trabalhar ao mesmo tempo. Foi mais difícil ainda para uma pessoa sem ajuda de ninguém. A minha esposa não estava, e é você que tem que fazer tudo. Mesmo assim me acostumei, cheguei até a 5ª fase de Pedagogia. Como eu deixei o país, eu não consegui terminar a faculdade.

Clifford teve uma oportunidade um pouco diferente da de James, e contou sua história conforme o trecho transcrito a seguir.

Quando eu deixei o Haiti para vir morar no Brasil, eu não tinha terminado o ensino médio. Aí terminei o ensino médio. Não foi fácil porque eu não falava português no início. No antigo trabalho, a empresa estava oferecendo curso técnico para os empregados e, com essa oportunidade, fiz o curso técnico, mas não tive nenhum programa para os imigrantes.

Em 2019 comecei a faculdade de Gestão na universidade UNICESUMAR, que é uma universidade privada. Não tive sorte para terminar, porque em 2022 tive que deixar o Brasil para migrar para outro país.

Nas entrevistas com James e Clifford percebem-se aspectos importantes da experiência migratória no Brasil, particularmente no que diz respeito às oportunidades educacionais disponíveis para imigrantes haitianos. Ambos os depoimentos mostram trajetórias de esforço, superação e limites diante das oportunidades. Tanto James quanto Clifford relatam o acesso ao ensino técnico e superior, destacando uma tentativa do Estado brasileiro (e de instituições privadas) de promover a inclusão educacional de migrantes. James conseguiu ingressar em um curso técnico na UFSC e em Pedagogia na UFFS, universidades públicas brasileiras. Isso mostra que existem políticas e programas, ainda que específicos, voltados para o acolhimento educacional de imigrantes.

No entanto, James teve que escolher entre o curso técnico e a universidade, o que sugere a falta de uma estrutura flexível que lhe permitisse combinar diferentes tipos de formação. O dilema vivenciado por ele evidencia uma fragilidade no planejamento de políticas públicas para migrantes, pois muitos deles, diante de dificuldades econômicas,

sociais e emocionais, necessitam de um apoio mais sólido para dar continuidade aos estudos. Clifford, por sua vez, relata que chegou ao Brasil sem ter concluído o ensino médio nem dominar a língua portuguesa, obstáculo comum entre imigrantes. Apesar disso, ele conseguiu concluir o ensino médio e fazer um curso técnico oferecido pela empresa onde trabalhava. Essa trajetória demonstra como iniciativas privadas também podem funcionar como portas de entrada para a formação profissional de migrantes.

Ambos os relatos concluem com a interrupção dos estudos por motivos que envolvem deslocamento forçado. James deixou o país antes de concluir seus estudos e Clifford teve que migrar novamente. Isso levanta questões importantes sobre a instabilidade das condições de vida dos migrantes no Brasil, o que muitas vezes os obriga a se mudar para outro país em busca de melhores condições. A mobilidade constante é uma característica das trajetórias migratórias contemporâneas, mas quando essa mobilidade é motivada pela precariedade, revela a fragilidade das políticas de acolhimento. Embora o Brasil ofereça algumas oportunidades iniciais, o apoio a longo prazo é insuficiente para garantir a permanência e a concretização dos projetos de vida dos migrantes.

3.4 A SAÍDA DE JAMES E CLIFFORD DO BRASIL: CAUSAS, ACONTECIMENTOS E TRAJETÓRIA.

3.4.1 James

Para mim, deixar o Brasil para migrar para os Estados Unidos não foi uma escolha fácil. Mas foi uma escolha calculada, não foi uma escolha rápida (*bridsoukou*). Deixar o Haiti para trás era buscar uma vida melhor, mas culturalmente as pessoas sempre sonham em ir para os EUA, porque qualquer pessoa que sai do país de origem para migrar para outro destino tem um peso que está carregando, como parentes e amigos, que estão esperando como a sua vida vai mudar. Também na nossa cultura, pessoas que moram no exterior cuidam da família e mandam remessa. Às vezes essa pessoa ajudou a deixar o país, e quando você chega no Brasil, com o modo de trabalho e de vida, não consegue dar conta, e isso deixa um impacto psicológico. Lembro que um dia eu estava trabalhando e pensando como eu vou ajudar minha família, porque eu devo isso para eles. Mesmo trabalhando, o salário não dava conta das coisas.

A nossa viagem foi aérea e terrestre. Peguei um voo de Chapecó-SC para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, depois pegamos ônibus para a fronteira da Bolívia. Da Bolívia à Colômbia foi de ônibus, às vezes a gente pegava táxi também. Quando a gente chegou na Colômbia, pegamos um barco por 1h30 para entrar no mato. Esse caminho a gente fez sem ônibus, sem avião, sem táxi, sem quaisquer meios de transporte. Eu e minha esposa demoramos três dias no mato (*3 jou nan raje a*) de caminhada para chegar ao Panamá. Esse foi o caminho mais difícil durante a viagem, muito perigoso, e não desejo uma viagem assim para ninguém. Eu sabia que era difícil, era consciente do perigo, porque vi isso no Facebook, TikTok e YouTube, mas não foi nada comparado ao que eu vivi nessa viagem. Quando

cheguei no meio do caminho, vi a realidade: aquilo que eu via nas redes sociais e aquilo que eu estava vivendo eram muito diferentes. Foi um caminho que eu fiz e tive sucesso durante o trajeto. A minha família não morreu, graças a Deus não teve ninguém no meu grupo que ficou para trás ou morreu, mas teve gente que morreu, famílias que foram destruídas, muita gente vítima. Essa experiência, se fosse para refazer, eu nunca faria essa escolha e não desejo esse caminho para ninguém (*m pa swete wout sa pou pèsonn*), pela segurança da pessoa e psicologicamente. Só de sonhar com esse caminho já é um grande pesadelo para mim. Depois a gente saiu da floresta de Darién, fomos para o Panamá e depois para o México de ônibus. Também foi muito perigoso para a gente. Ficamos expostos a tráfico de órgãos, sequestro, roubo e droga. Teve gente que eu conheço que foi sequestrada.

Olha, eu não tive ajuda financeira da minha família. Uma coisa que as pessoas que estão pensando em deixar o Brasil para migrar para outro destino precisam saber é que esse caminho exige muito dinheiro. Fiz algumas perguntas para pessoas que já fizeram esse caminho. Do Brasil até o México custa mais ou menos 4.000 dólares. Depois que comprei as passagens, saí do Brasil com 2.000. Mandeí 1.000 dólares para a prima da minha esposa nos EUA e deixei 1.000 dólares na mão de um amigo no Brasil. Durante o caminho eles mandaram o dinheiro para mim, e eu cheguei nos EUA com 140 dólares no bolso. Então posso dizer que gastamos mais ou menos 4.000 dólares. Não tive ajuda financeira de ninguém da minha família, foi um esforço pessoal.

Quando minha esposa estava no Haiti, eu não tinha ideia de deixar o Brasil. Lembro que eu estava falando com ela no telefone sobre esse caminho e ela disse que não precisávamos fazer isso. Eu também fiquei com o mesmo ponto de vista, que mesmo entrando no Brasil a gente não faria esse caminho. Mas quando ela chegou no Brasil, três meses depois, viu como eu estava vivendo, o horário que eu ia trabalhar e quando voltava, e também o salário. Aí começou a pensar sobre o nosso futuro e começou a mudar de ideia.

Outra coisa: a prima dela, que morava lá, começou a dar conselhos e disse que estava pronta para receber a gente na casa dela. Ela começou a pensar no projeto. Eu falei para a prima dela que nem precisava falar comigo sobre isso, que falasse com a prima dela. Se ela aceitasse, não tinha problema, nós iríamos, mas se ela não aceitasse, ninguém ia, porque eu conhecia o ponto de vista dela e não queria exigir que ela fizesse uma coisa que não gostava. A prima dela ligou para minha esposa e conversou com ela. Disse que a situação estava muito difícil para nós e que éramos jovens e não tínhamos filhos. Ela respondeu assim: se você quer, vamos tentar, querida (*si ou vle nap tante cheri*). Foi assim que a gente deixou o país para migrar para os EUA. Foi a prima que colocou o projeto na nossa frente e minha esposa aceitou e demonstrou muita coragem e resiliência para a gente ir.

O Brasil me ensinou muitas coisas, me ensinou a ser tolerante, me ensinou a ser uma pessoa responsável, porque quando você mora num país onde não tem família, você se torna mais responsável. Você já sabe o que fazer ou não fazer. Na questão do trabalho, você sabe que recebe mensalmente. Sempre pensei que o Brasil seria um país de trânsito para mim, por causa dos meus projetos e sonhos. Com um salário mensal não vou conseguir realizar meus projetos. Eu poderia comprar um carro, mas sempre vi o Brasil como país de trânsito. Sim, o Brasil é um país que traz tranquilidade e gosta de imigrantes, mas a decisão de deixar o Brasil não fui eu que falei primeiro. Como eu falei antes, veio da minha esposa e da prima dela. A prima dela se ofereceu para acolher a gente na casa dela e disse que éramos jovens e não tínhamos filhos, que era bom pensar nisso, que muita gente fez esse caminho e conseguiu, e nós também poderíamos.

Uma coisa que me passou segurança é que ela morava num apartamento de dois quartos, saiu e foi morar numa casa de três quartos para deixar um quarto para mim e minha esposa. Isso me motivou mais. Olha, a taxa de câmbio entre o real e o dólar tem grande diferença. A gente não consegue ajudar a família com o salário daqui. O salário, além de ser mensal, é pouco para imigrantes que têm família sob responsabilidade no Haiti, porque eles estão esperando alguma coisa de você. Cada vez que você vê que não consegue fazer o que prometeu, isso vira um peso na cabeça e psicologicamente deixa você muito mal. Foi uma das coisas que me fez deixar o Brasil.

Depois que saí do Brasil, foi uma trajetória muito difícil, como contei antes. Cheguei no México. O México é um país muito difícil para imigrantes por causa da temperatura. O frio é muito intenso e o calor parece que o corpo está pegando fogo, dentro ou fora de casa. Morei num quarto mais ou menos. Quando cheguei, entrei no programa *CBP One*, em que você baixa um aplicativo no celular e começa a tentar todos os dias. Depois que consegue, recebe uma data para entrar nos Estados Unidos como uma pessoa com visto, não é deportado para o país de origem. A imigração dos Estados Unidos sabe quando você vai chegar e eles mesmos marcam a data. No começo foi difícil, depois conseguimos a data de entrada nos EUA.

Entramos no dia 21 de julho de 2023 e foi algo muito marcante na nossa vida. Entramos pela imigração, fizemos os processos legais e entramos no país. No mesmo dia eu e minha esposa conhecemos o maior pesadelo da nossa vida. Uma pessoa em quem confiávamos, muito próxima de nós, que fez o projeto conosco, abandonou a gente no mesmo dia da entrada no país. Entramos pelo Texas, um dos 50 estados dos Estados Unidos. Era para irmos para a Geórgia. Alguns dias antes, falei para a prima da minha esposa que não conseguiríamos a data naquela fronteira e que iríamos para outro estado. Pegamos dois voos, foi uma viagem de mais ou menos 17 horas. Paguei ônibus e hotel para chegar à data marcada e acabou todo o dinheiro que eu tinha guardado. Perguntei se ela poderia comprar a passagem do Texas para a Geórgia para mim. Não deu resposta concreta.

No dia em que entrei no Texas, ela não comprou a passagem nem deu sinais. Liguei e falei que estava no Texas. Ela disse: estou feliz por vocês (*mwèn kontan pou nou*). Na verdade, ela fez desentendimentos e falou para a família no Haiti que fomos nós que não fomos para a casa dela. Até hoje não tenho notícias dela. Temos vinte e dois meses nos Estados Unidos. Minha esposa estava grávida na época. Eu com duas malas debaixo de um sol muito quente, com uma mulher grávida, sem saber para onde ir. Foi um choque. Aí começou o pesadelo.

Depois de quatro meses de viagem chegamos aos Estados Unidos com saúde e ficamos felizes, mas o dia 21 de julho de 2023 foi um grande pesadelo. Como eu não desisto facilmente, comecei a procurar um lugar que pudesse dar assistência para nós. Passei dois dias na casa de um pastor. Ele orientou a gente sobre uma organização. Fizemos o processo e conseguimos. Entrei num hotel no dia 25 de julho por esse programa de imigrantes em Massachusetts, nos EUA, onde não paguei nada durante dez meses e tive acesso a tudo para fazer documentos etc. Mas o maior desafio para mim, depois de toda a trajetória desde o Brasil até a floresta, não foi nada comparado aos dias 21 a 25 de julho de 2023 nos EUA. Durante esses quatro dias minha família conheceu o maior pesadelo. Foi uma decepção total.

A declaração inicial de James, de que "não foi uma escolha fácil, mas calculada", revela a consciência do migrante sobre os riscos e responsabilidades associados à migração. Ao contrário da imagem comum de decisões migratórias impulsivas, a narrativa demonstra planejamento, sacrifícios econômicos e um pesado fardo emocional. Além disso, a influência da cultura haitiana, onde viver no exterior é sinônimo de sucesso e responsabilidade para com a família, ressalta a pressão simbólica e social exercida sobre os migrantes. O migrante carrega consigo não apenas sua própria história, mas também as expectativas daqueles que ficaram para trás. Esse fardo contribui para o sofrimento psicológico, já evocado na entrevista, causado pela frustração de não conseguir sustentar financeiramente a família, mesmo com muito trabalho.

O Brasil é descrito como um país acolhedor, mas insuficiente para a realização de sonhos econômicos. Os baixos salários, mesmo com emprego formal, não cobrem o custo de

vida e não permitem remessas regulares. Um ponto interessante e frequentemente negligenciado nos estudos sobre migração é o papel das mulheres. Na história, é a esposa do narrador que muda de ideia ao ver a precariedade da vida no Brasil e participa ativamente da decisão de migrar novamente. A influência de sua prima, que oferece moradia nos Estados Unidos, reforça a importância das redes familiares femininas como estrutura de apoio na migração. Essas mulheres não são apenas acompanhantes de seus maridos; elas planejam, avaliam riscos e tomam decisões cruciais

O relato da jornada pela selva entre a Colômbia e o Panamá (conhecida como Vale do Darién), uma das rotas mais perigosas do mundo. Embora tenha tomado conhecimento dos riscos pelas redes sociais, James admite que nada se compara à realidade que vivenciou: dias na mata, medo constante, violência, mortes e destruição de famílias. A desumanização dos migrantes que transitam pelas Américas, expostos a sequestros, tráfico de órgãos, abuso sexual, fome, calor extremo e exploração por redes ilegais. Este relato denuncia uma rota migratória negligenciada pelo debate público e pelas autoridades internacionais.

Apesar de todas as dificuldades, a história também é marcada pela resiliência. O migrante não apenas sobreviveu, como manteve sua dignidade, responsabilidade e esperança. Entrar nos Estados Unidos pelo programa *CBP One*, sem ser deportado, marcou o fim de uma jornada brutal e o início de uma nova fase. O migrante também reconhece ter aprendido com o Brasil: tornou-se mais responsável, mais tolerante e mais consciente de suas limitações. Esta experiência mostra como cada etapa da migração, mesmo a mais difícil, transforma o indivíduo. O impacto psicológico é evidente: o migrante afirma que não repetiria esse caminho e não deseja isso para ninguém, revelando sinais de trauma (inclusive pesadelos).

O relato descreve uma experiência marcante de migração vivida por uma família haitiana que, após uma longa jornada iniciada no Brasil, enfrentou uma das fases mais traumáticas logo ao chegar nos Estados Unidos, especificamente no estado do Texas. A narrativa destaca não apenas os aspectos geográficos e logísticos da migração, mas também as dimensões emocionais e psicológicas dessa vivência. Um dos elementos centrais na fala do James é a ruptura da confiança. A decepção causada por uma pessoa próxima que, ao invés de apoiar, abandonou a família no momento mais crítico, evidencia como as redes de apoio podem tanto fortalecer quanto fragilizar os imigrantes. Essa quebra de laço afetivo se torna ainda mais dolorosa por vir de alguém considerado de confiança e que havia ajudado a organizar o projeto migratório.

Outro ponto relevante é a vulnerabilidade extrema vivida pela família, que chegou a um novo país com recursos limitados, sem apoio imediato e com uma mulher grávida. A

imagem das “duas malas embaixo de um sol muito quente” sintetiza simbolicamente o peso literal e emocional dessa travessia. A cena também revela a solidão e a angústia sentidas naquele instante, intensificadas pela incerteza do que fazer a seguir. Apesar das adversidades, o relato é atravessado por uma narrativa de resistência e superação. Mesmo diante da frustração e da falta de apoio familiar, o protagonista demonstrou iniciativa ao buscar ajuda por conta própria. A acolhida por parte de um pastor e o ingresso em um programa de assistência para imigrantes em Massachusetts foram passos importantes para reconstruir a esperança e dar início a uma nova etapa da vida nos EUA.

Também é importante destacar a dimensão temporal e emocional presente na história. O contraste entre a alegria de chegar aos Estados Unidos e o choque da traição no mesmo dia reforça a intensidade emocional da experiência. O trauma vivenciado entre 21 e 25 de julho de 2023 é descrito como pior do que todos os obstáculos encontrados durante a jornada migratória de quatro meses, incluindo a travessia da floresta, o que evidencia o impacto devastador do abandono inesperado.

Por fim, a experiência narrada nos convida a refletir sobre o que significa migrar: não se trata apenas de mudar de território, mas também de enfrentar rompimentos, recomeços, reconstruir relacionamentos e, muitas vezes, vivenciar a dor causada por aqueles que não esperávamos.

3.4.2 Clifford

A rota de Clifford foi um pouco diferente da de James, conforme a transcrição do trecho a seguir.

Eu deixei o Brasil para migrar para outro país, como os Estados Unidos. Comecei a pensar assim: os Estados Unidos, de forma geográfica, são perto do Haiti. Se eu for, vou conseguir visitar a família. Tenho família lá, mas o Brasil é longe do Haiti e a passagem é cara. Eu estava com muita saudade da minha família, porque tem alguns que moram nos Estados Unidos e a maioria no Haiti. A viagem foi uma viagem de alto risco, porque pegamos um voo de Guaramirim até a saída do país. O resto do caminho a gente fez de ônibus e a pé. Caminhamos por cinco dias na floresta de Darién, que está localizada no istmo do Panamá, na fronteira entre o Panamá e a Colômbia.

Comprei uma passagem para o Acre. Quando cheguei no Acre, peguei um táxi para atravessar a fronteira e entrar na Bolívia. Entramos na Bolívia quando começou a anoitecer. A gente ficou no meio do mato e dormimos lá. Deixamos a Bolívia para entrar no Peru de táxi. Aí também passamos mais uma noite no mato. Pagamos uma pessoa para ajudar a atravessar a fronteira e entramos no Equador. Depois de uns dias deixamos o Equador para entrar na Colômbia, onde ficamos uns dias para descansar um pouco. A gente pagava um guia para nos guiar durante o caminho. Pegamos um barquinho para atravessar uma água profunda. Para essa viagem

levamos kit de primeiros socorros, remédios, bastante comida, barraca de camping, água e suco.

Nos primeiros dias não teve dificuldade, mas, como eu falei antes, fizemos cinco dias no meio do mato da floresta de Darién. Teve uma hora em que a gente ficava muito cansado. O guia falava que nós íamos passar só dois dias no mato e depois mudou a fala dele, dizendo que, se a gente quisesse chegar rápido, podia ir por um caminho, mas se quisesse ficar menos cansado, ir por outro mais longo. A gente ficou muito cansado. O pior foi que ele não falou a verdade sobre o caminho. Achávamos que já estávamos perto. Encontramos pessoas que estavam mais cansadas e machucadas e deixamos o resto da nossa comida para elas. O que aconteceu é que a nossa comida acabou no meio do caminho e tivemos que caminhar mais dois dias sem comida, sem nada. No segundo dia encontramos um lugar que vendia comida, compramos e comemos muito. Um tempinho depois encontramos o primeiro campo de refugiados. A viagem não foi fácil, mas no meu grupo não tinha ninguém machucado. Ao longo do caminho entraram muitas pessoas desidratadas, machucadas, com pernas inchadas, pessoas cansadas que queriam abandonar no meio do caminho. Esses dois últimos dias deixaram a gente muito cansado (*men 2 jou sa yo te rann mw fatigue anpil*). Lembro que nessa época teve bastante chuva. Teve um dia em que a gente nem conseguiu abrir a barraca para dormir de tanta chuva e água correndo no chão. Nesse dia todo mundo ficou de pé. No outro dia atravessamos muitos rios. Não posso falar que foi uma boa experiência fazer essa caminhada perigosa.

A gente escolheu a rota para deixar o Brasil, mas foram os guias que pagamos que escolheram a trajetória. Em cada país a gente teve um guia para nos guiar. Eu não tive ajuda da minha família. Passei cinco meses me preparando para economizar dinheiro para sair do Brasil. Também não pedi para ninguém. Mais ou menos eu gastei mil dólares.

Essa decisão de deixar o Brasil não veio da minha esposa nem da minha família, mas surgiu dos meus amigos que falaram isso para mim: vamos pegar a estrada a pé (*ann pran wout a pye an*). Assim comecei, me deixei levar por essa frase, fui convencido. Pensei que, se fosse para os Estados Unidos, ia ganhar mais dinheiro, porque a taxa de câmbio é muito diferente, e assim conseguiria ajudar minha família que está no Haiti. Para conversar com a minha namorada foi fácil. Ela concordou comigo que a gente ia fazer todo esse caminho a pé, mesmo ela estando grávida na época. Ela não estava com medo. Tomamos essa decisão juntos e começaram as preparações.

Quando eu estava no Brasil, eu pagava as contas, como aluguel, universidade e outras coisas. O meu salário não era o suficiente para o que eu queria. Pensei que, se entrasse nos Estados Unidos, conseguiria fazer essas coisas e ainda mandar dinheiro para minha família.

Depois da floresta de Darién chegamos ao Panamá e passamos uns dias no campo de refugiados. Depois pegamos a estrada para o México e passamos três meses no México para fazer documento de identidade, porque para circular nesse país precisa de documento. Esperamos o documento e, no dia seguinte, pegamos um táxi até a fronteira. Encontramos as pessoas da imigração na fronteira de El Paso. Eles fizeram muitas perguntas sobre nós, por exemplo, se a gente tinha família esperando nos Estados Unidos, se tínhamos endereço, quem era. Todas as respostas eram sim. Era o meu irmão mais velho que estava esperando a gente e nós já tínhamos o endereço dele.

As pessoas da imigração dessa fronteira pegaram a gente e nos deixaram por três dias num lugar. Nessa época nossa criança já tinha nascido. Como estávamos em família, não fomos para a prisão, porque quando você é solteiro, fica num lugar e sua companheira em outro por alguns dias. Nessa época não tinha o *CBP One*. Se você quisesse cruzar a fronteira entre o México e os Estados Unidos, passava alguns dias preso. Mas havia ajuda humanitária e você explicava por qual razão estava cruzando a fronteira ilegalmente, sem visto e sem residência. Depois que a imigração mexicana liberou a gente para entrar nos Estados Unidos pela fronteira do Texas, passamos dois dias na casa de um padre que nos ajudou. Assim entramos em contato com a nossa família por ligação telefônica. A família comprou as passagens para nós e fomos para Washington, D.C.

Lembro que, quando começamos essa viagem, encontramos bastante gente, fizemos amizades e grupos também. Depois que entramos no Darién, onde passamos cinco dias, no terceiro dia não tinha mais amizade. Todo mundo estava lutando por si mesmo. Acabou comida, água e medicamentos. Encontramos pessoas desidratadas, machucadas, com perna inchada ou quebrada. Isso assustou todos nós, mexe com a gente. Não teve mais grupo, era cada um por si. Se você não consegue caminhar, fica para trás. No terceiro dia a estrada era mais difícil, com muitas falésias e montanhas, muito perigosa.

A trajetória migratória de Clifford representa um retrato profundo e impactante dos desafios enfrentados por migrantes em deslocamentos forçados e irregulares. Sua decisão de deixar o Brasil em direção aos Estados Unidos foi motivada por razões econômicas, emocionais e familiares. Ele menciona dificuldades para pagar aluguel, universidade e outras despesas básicas com o salário que recebia no Brasil, além de sentir-se distante da família que se encontrava no Haiti e em território norte-americano. Esses elementos o levaram a acreditar que, nos Estados Unidos, poderia não apenas sustentar melhor sua própria família, mas também ajudar os parentes no país de origem.

O percurso percorrido, no entanto, envolveu riscos extremos. Clifford relata ter iniciado a jornada a partir do estado do Acre, passando pela Bolívia, Peru, Equador e Colômbia, até alcançar a temida travessia da floresta do Darién, localizada no istmo do Panamá. Esta região é amplamente reconhecida como uma das mais perigosas do mundo para migrantes, devido à ausência de infraestrutura, à presença de rios perigosos, animais selvagens, risco de doenças e à constante ameaça de grupos armados.

Durante cinco dias, ele e seu grupo caminharam por esse território inóspito. Mesmo com barracas, alimentos, remédios e kits de primeiros socorros, a escassez de recursos logo se tornou um problema: parte dos suprimentos foi compartilhada com outros migrantes em situação crítica. Com isso, o grupo precisou continuar por dois dias adicionais sem comida, até encontrar um local onde foi possível comprar mantimentos. Ao final do trajeto, chegaram a um campo de refugiados no Panamá.

A sequência da viagem incluiu estadias temporárias em diversos países e a necessidade de contratar guias para atravessar fronteiras clandestinamente. Clifford menciona que a rota foi definida por esses guias pagos, uma prática comum em redes de tráfico de pessoas e migração irregular, onde a ausência de políticas públicas seguras obriga migrantes a se submeterem a tais condições. A jornada seguiu até o México, onde a família aguardou por cerca de três meses a emissão de documentos provisórios para circular legalmente.

Ao chegarem na fronteira entre o México e os Estados Unidos, foram detidos pelas autoridades norte-americanas e mantidos sob custódia por três dias. Nesse período, seu filho

já havia nascido, o que evitou a separação do casal. Após liberação humanitária, conseguiram entrar nos Estados Unidos e se estabelecer temporariamente no Texas, onde contaram com ajuda de um padre local, até conseguirem contato com o irmão de Clifford, que os acolheu em Washington.

Toda essa experiência demonstra, de maneira contundente, como a migração forçada está repleta de riscos, frustrações e decisões que nem sempre estão sob controle do próprio migrante. A trajetória de Clifford não apenas revela a busca por dignidade e melhores condições de vida, mas também denuncia a falta de alternativas legais e seguras para migração, que obriga famílias inteiras, inclusive grávidas, a colocarem suas vidas em risco.

Além disso, o relato mostra como as redes de solidariedade familiares, comunitárias ou religiosas tornam-se fundamentais nesse processo, ajudando a manter a esperança diante da violência estrutural que cerca as fronteiras. A história de Clifford é, portanto, um exemplo concreto de resistência, coragem e de denúncia das falhas dos sistemas migratórios internacionais.

3.5 A ENTRADA DOS IMIGRANTES HAITIANOS NOS ESTADOS UNIDOS: DESAFIOS OU FACILIDADES?

A entrada de imigrantes haitianos nos Estados Unidos apresenta desafios e benefícios. Enquanto alguns haitianos buscam refúgio e oportunidades nos Estados Unidos, enfrentando obstáculos como imigração ilegal e adaptação cultural, outros encontram apoio em programas de acolhimento e redes de apoio comunitário, e outros não. Muitos haitianos chegam aos Estados Unidos por vias irregulares, buscando estabilidade e uma vida melhor, enquanto se expõem a riscos como violência e exploração. Encontrar emprego e moradia adequados pode ser difícil, especialmente para aqueles que chegam sem uma rede de apoio ou recursos. Comunidades haitianas nos Estados Unidos e outras organizações podem fornecer apoio prático e emocional aos recém-chegados. A possibilidade de enviar dinheiro para parentes no Haiti pode ser uma importante fonte de apoio para as famílias.

A situação da imigração haitiana nos Estados Unidos é complexa e multifacetada, com desafios e oportunidades interligados. É importante analisar tanto os obstáculos encontrados pelos imigrantes quanto as iniciativas que visam facilitar sua integração à sociedade americana.

Perguntei aos entrevistados se poderiam explicar como foi a entrada deles nos EUA e se acessaram algum programa que facilitou sua entrada. James e Clifford explicaram como foi e comentaram sobre os desafios e as oportunidades disponíveis.

James entrou nos Estados Unidos pelo *CBP One*, programa criado durante o governo de Joe Biden. Trata-se de um aplicativo de celular que facilita a entrada de imigrantes que já estão no México, como haitianos, venezuelanos, cubanos, entre outros. Quando se realiza o pedido de entrada pelo aplicativo, é preciso aguardar a marcação de uma data. Assim que o agendamento é confirmado, é necessário deslocar-se até a fronteira de posse dos documentos. O imigrante recebe então o formulário I-94. Ao fim do processo, pode entrar legalmente nos EUA. O I-94, válido por um ano, possibilita fazer a carteira de trabalho, o pedido de asilo e outros documentos.

3.5.1 James

Os quatro primeiros dias nos EUA eu não tive uma destinação. Cheguei na sexta-feira e, no sábado, minha esposa foi parar no hospital porque chorou muito e a pressão dela alterou. Como eu falei antes, foi o pastor haitiano que levou ela para o hospital para mim. Lembro que ele falou assim: daqui a um ano vocês vão esquecer o que aconteceu hoje, no sentido de que a gente vai encontrar trabalho e uma vida melhor da situação em que estávamos no momento, e que minha esposa vai melhorar. Minha esposa passou seis horas no hospital com a minha filha e ela ficou bem.

Chegamos em Boston no dia 25 de julho. O acolhimento foi muito bom. Eles fizeram tudo que era possível e imaginável para a gente se sentir em casa. Isso não teve preço, para a gente poder fazer parte da comunidade. Eles forneceram todas as coisas para nós. Forneceram mais ou menos 40 mil dólares: pagaram hotel, deram cartão alimentação, pagaram um restaurante brasileiro para preparar comida duas vezes por dia durante dez meses, entregaram um cartão com uma quantidade de dinheiro para gastarmos com comida. Foi construída uma academia esportiva, tivemos acesso à biblioteca no centro da cidade gratuitamente, ônibus disponíveis, porque nenhum de nós tinha carro próprio, doação de roupas e também planos de saúde. Minha esposa fez cesárea e não pagou nada, foi tudo no plano de saúde dela. O único momento de dificuldade que lembro foi quando comecei a trabalhar em um restaurante. Lembro de um dia em que estava nevando. Como o hotel onde eu morava não era longe, fui a pé, eram dez minutos. Toda a rua estava com neve. Não é bom caminhar na neve, é perigoso, é uma coisa anormal. Quando alguém que está dirigindo vê você caminhando na neve, pergunta se você está bem da cabeça, porque ninguém caminha enquanto a neve está caindo. As pessoas caminham a pé só quando é verão. Lembro que um dia encontrei uma mulher haitiana. Ela chamou a gente — eu e um amigo — e perguntou por que estávamos caminhando na neve, disse que a gente podia ficar doente e que não podíamos fazer isso. Passou o contato dela, caso precisássemos de ajuda, e foi muito gentil. Ela levou a gente para o hotel. Contamos que fazia pouco tempo que tínhamos começado a trabalhar e não tínhamos carro ainda. Hoje, graças a Deus, nossa família tem um carro e não passamos mais por situação igual. Depois disso, não tive outro momento difícil aqui nos Estados Unidos, graças a Deus.

Minha adaptação nos Estados Unidos foi mais rápida que no Brasil. Como eu já tinha morado no Brasil, isso facilitou minha adaptação. Nos EUA tem bastante frio e no Brasil também. Para falar de cultura, precisamos falar sobre a trajetória

migratória. O país que mais tem imigrantes haitianos são os Estados Unidos, desde séculos passados. Mesmo que não sejamos americanos, temos a cultura americana de uma maneira ou de outra. Geralmente um imigrante haitiano que entra nos EUA sabe cumprimentar as pessoas em inglês, mesmo se não sabe ler. Outra coisa é o trabalho: aqui nos EUA você encontra haitianos em qualquer tipo de trabalho — restaurante, supermercado, academia, hospital, até na Casa Branca — mas no Brasil é diferente, você encontra pouca presença de haitianos nesses ambientes, às vezes nem precisa formação para isso.

Para fazer os documentos não foi difícil. Foi o estado que contratou um advogado, e o advogado fez tudo para nós. Não pagamos nada, só fomos ao escritório. Seguro de vida, plano de saúde, fez o pedido de asilo. Como eu estava com muita pressa, peguei um advogado particular. No Brasil é fácil adquirir documentos, CPF e RG. Nos Estados Unidos é um pouco complicado. Você pode ter carteira de trabalho, mas para conseguir o RG ou o passaporte americano é complicado. Por exemplo, eu sou haitiano e fiz o pedido de asilo. É um juiz de imigração que vai marcar um horário e decidir se você merece ou não. Eu não tenho TPS, mas tenho carteira de trabalho. O documento de identidade demora mais.

Procurar trabalho nos EUA não foi fácil porque é tudo online. Precisa baixar aplicativo no celular e ficar sempre de olho. Às vezes você consegue trabalho, mas por causa do transporte e da distância não dá certo. Um dia eu estava com um amigo num restaurante para comer. Depois da refeição, fomos ao caixa e passou pela minha cabeça perguntar se precisavam de gente para trabalhar. Disseram que sim, e eu fui contratado. Trabalhei seis dias — esse foi meu primeiro emprego nos Estados Unidos.

Meu segundo emprego foi no supermercado. Passei seis meses nesse trabalho, além de um contrato de cinco meses. Agora estou em outro emprego. Comecei a trabalhar de carteira assinada em 17 de maio. No mesmo dia comecei outro emprego e trabalho na Amazon. Os imigrantes haitianos nos Estados Unidos trabalham em todos os lugares permitidos: restaurante, supermercado, FedEx, Amazon, até na Casa Branca. Essa é uma grande diferença entre Brasil e Estados Unidos.

O Brasil foi um país que deixei com o coração na mão. Me arrependo de uma coisa: eu desejava muito a cidadania brasileira, queria conseguir antes de sair do país. Como saí antes, meu RG não permitiu. Eu gosto muito do Brasil, carrego o Brasil no meu coração. Guardo minhas amizades com brasileiros, sempre tive boa relação. O Brasil é mais fácil para conseguir documentos, viver como imigrante no Brasil é mais tranquilo, a educação é gratuita.

O primeiro conselho para uma pessoa que vai migrar é: você é responsável por você mesmo. Fez uma escolha, precisa assumir sua responsabilidade. Segunda coisa: em qualquer país você pode ter sucesso, porque sucesso pede trabalho, plano e disciplina. Tenho um amigo que diz que nunca consegue guardar dinheiro. Ele trabalha no máximo quatro dias na semana e falta sem justificativa. Quando eu recebo 2.000 e pouco, ele recebe 1.400 e pouco e fica triste, mas no caso dele é falta de disciplina. Com meus 2.000 fiz meu projeto e deu certo, consegui trazer minha esposa para o Brasil. Em qualquer país, coloque princípios, disciplina e ordem na sua vida.

O Brasil é um país que eu amo muito e sempre amarei. Esse país me ensinou muitas coisas, como tolerância e responsabilidade. Apreendi bastante sobre essas qualidades no Brasil. Morei longe da minha família e aprendi a me virar com as situações, aprendi a aceitar a opinião dos outros, isso está gravado no meu espírito. Lembro de uma vez em que falei que não iria trabalhar porque estava com os dedos inchados, mas pensei que precisava do dinheiro e do trabalho, me levantei e fui. Outra coisa que mudou foi que tranquei a faculdade e entrei em outra empresa, com salário maior e trabalho diferente. Sinto falta do povo brasileiro — pessoas compreensivas e carinhosas.

3.5.2 Clifford

A resposta de Clifford foi parecida com a de James. Com o coração aberto, Clifford deu sua resposta, contida na transcrição a seguir.

Cheguei nos Estados Unidos, em Washington, em maio de 2022. Fui para a casa do meu irmão mais velho. Passei um ano e alguns meses na casa dele. Ele cuidava de nós porque, quando a gente tinha compromisso ou hora marcada para fazer nossas coisas, ele nos levava ou deixava usar o carro. Comecei a trabalhar na Amazon, mas não gostei, era tudo errado. Tive medo também de prejudicar meu irmão, porque era ilegal eu trabalhar sem os documentos necessários. Depois mudamos para a Carolina do Norte. O país não é igual ao Brasil, onde o acolhimento é bom. Não tinha gente para conversar, as pessoas são muito fechadas em si mesmas. Quando eu morava em Washington, nessa cidade não tinha muitos haitianos. Tive bastante complicação para fazer os documentos, como carteira de trabalho, TPS (RG no Brasil) e cartão social (CPF). Para obter informações sobre outras cidades, eu chamava meus amigos e conhecidos para falar sobre as cidades que eles conheciam. Por isso resolvemos deixar Washington.

Minha adaptação nos Estados Unidos demorou um pouco. Vi que o acolhimento é muito diferente do Brasil, como falei antes. Sinto vergonha para fazer abordagem. Para conseguir documento não foi fácil. Trabalhei com meu irmão e consegui dinheiro para fazer os documentos, porque para ter documentos é pago, com trabalho fixo ou sem trabalho. Tenho família no Brasil ainda e sempre falo que quero voltar para fazer investimentos nesse país.

A oportunidade que encontrei no Brasil que não tem nos Estados Unidos é o SUS. Você consegue consulta gratuita, por exemplo com dentista, ou mesmo particular não é caro. Pré-natal para gestante sem pagar nada, medicamentos gratuitos em qualquer Unidade Básica de Saúde (UBS). Consegue fazer encaminhamento e, quando é agendado, passam na sua casa para entregar a via da consulta ou para marcar. Outra oportunidade é que a educação no Brasil é gratuita: creche, escola, cursos técnicos, universidade, tudo gratuito. Você pode ter uma boa formação em qualquer área sem pagar mensalidade.

Mas a oportunidade que achei nos Estados Unidos é o dinheiro, porque o dólar tem grande diferença na taxa de câmbio. Outra oportunidade é que você consegue comprar um carro mais rápido, porque é primordial ter carro para ir trabalhar. Os carros não são tão caros como no Brasil.

Eu diria: não pegue a mesma estrada que eu. Esse caminho é muito perigoso. Se você tem problema de saúde, não pegue a estrada, senão vai sofrer muito. Não seja imprudente. Às vezes acontecem acidentes graves, cansaço, perna quebrada, tem ladrão, é muito complicado esse caminho. Depois de tudo, a pessoa pode cair em depressão. Não aconselho esse caminho para ninguém. A vida no Brasil é muito melhor do que aqui. No Brasil você vê uma vida permanente, mas aqui você está sempre pensando temporariamente, trabalha para construir uma coisa em outro lugar.

Sim, eu gosto muito do Brasil. É um país que dá valor aos estrangeiros, trata as pessoas com amor e carinho, tem lei sobre imigração, temos nossos direitos. Mesmo que uma pessoa tente te machucar, há lei para proteger. Sinto falta de um bom esporte, corrida, churrasco bem gostoso com farofinha, uma boa feijoada cheia de amigos fora, comendo junto.

O relato traz uma visão humana e realista sobre os desafios e as oportunidades enfrentadas por imigrantes haitianos nos Estados Unidos, destacando experiências pessoais que tornam a narrativa mais vívida e emocional. Por meio das histórias de James e Clifford, é possível compreender a complexidade da jornada migratória, desde a entrada legal pelo aplicativo *CBPOne* até as dificuldades de adaptação em um novo país.

Entre os principais desafios, estão a adaptação cultural, a barreira da língua, o acesso a documentos e empregos formais, além do isolamento social em determinadas regiões. Apesar disso, o texto também enfatiza o acolhimento em algumas cidades americanas, onde os imigrantes receberam apoio financeiro, assistência médica e alimentação, o que demonstra a importância de políticas públicas e redes de solidariedade para a integração de migrantes.

Outro ponto forte da fala dos entrevistados é a comparação com a experiência no Brasil, que, embora apresente menos oportunidades econômicas, oferece acesso mais fácil à documentação, à saúde pública (SUS) e à educação gratuita, além de uma convivência social mais acolhedora. O relato reforça que a migração é uma escolha marcada por perdas, riscos e esperanças, e que o sucesso no país de destino depende de esforço individual, apoio comunitário e, sobretudo, de políticas inclusivas. A mensagem final, de valorização do Brasil e de alerta sobre os perigos das rotas migratórias irregulares, é um apelo sincero por caminhos mais humanos e seguros para os migrantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as narrativas de histórias de vida de haitianos no Brasil, principalmente em Santa Catarina. Também foi analisada a trajetória migratória desses haitianos até a chegada no Brasil. Conforme mencionado anteriormente, o primeiro capítulo deste trabalho monográfico contextualiza a imigração recente no país, no que diz respeito à recepção e ao acolhimento.

Embora a presença do povo haitiano no Brasil esteja registrada desde 1960, um dos primeiros fluxos significativos de pessoas de nacionalidade haitiana chegou ao país após o terremoto de janeiro de 2010. Esses imigrantes eram, em sua maioria, pais, estudantes e empresários que vieram em busca de uma vida melhor. Esse grupo utilizou diferentes meios para chegar ao país, com visto ou sem visto, saindo diretamente do capital Porto Príncipe, no Haiti — como no caso do James, nosso entrevistado, que chegou a Chapecó- SC — ou por rotas imigratórias alternativas, sem visto, como no caso de Clifford, que percorreu diferentes estados e cidades antes de se estabelecer ou regressar de forma temporária ou permanentemente.

As questões ligadas à presença haitiana no Brasil e na região puderam ser analisadas de modo aprofundado com base nas histórias de vida que revelam, juntamente às análises bibliográficas, a formação de uma tradição migrante (termo utilizado por Magalhães) e a construção histórica política, econômica e social do Haiti, possibilitando um conhecimento específico no que se refere ao fenômeno da presença massiva de haitianos no Brasil (Staudt, 2018, p.141).

No primeiro capítulo, pesquisei fontes relacionadas à imigração haitiana recente para o Brasil, mas também destaquei as memórias que essas pessoas construíram no Brasil durante os anos que viveram no país. Contextualizei o movimento migratório analisado como aquele que, na grande maioria dos casos, se baseia na busca por melhorias nas condições de vida e trabalho, o que tem levado muitas pessoas, tanto homens quanto mulheres, a romper laços com seu país, família e amigos na esperança de encontrar melhores oportunidades de trabalho, estudo ou ambos. E, às vezes, quando as aspirações dos imigrantes não correspondem às suas expectativas, outra rota migratória emerge, alimentada por familiares e amigos, como foi o caso dos entrevistados.

No segundo capítulo desta pesquisa, utilizei os conceitos da imigração a partir da entrevista realizada com o James e Clifford sobre a mobilidade para outro destino com os Estados Unidos através de iniciativas deles para deixar o Brasil com o conceito de *ann pran wout la* (“vamos pegar a estrada”).

Segundo Montinard (2023, p. 3) *pran wout la* não se refere apenas a uma pessoa que empreende uma viagem (planejada ou não), mas uma viagem estabelecida em um tempo mais ou menos curto, entre partidas, trânsitos e chegadas, entre estada, idas e vindas, entre estratégias individuais e coletivas. Portanto, ela navega entre a dimensão física e simbólica da *wout*, porque o termo também se refere a uma ideia de privilégio para aqueles que estão nas *wout*, uma vez que é um processo de sucesso, de construção dos significados da palavra “diáspora”, mesmo que tenham sofrido (*pase mizè*).

A *wout* Miami atende (ou atendia) principalmente às representações de ser uma diáspora, de conseguir enviar dinheiro regularmente para sua família (neste caso, são dólares americanos, uma moeda forte), ser capaz de planejar o projeto para trazer um parente ou visitar o Haiti etc. Tanto essas representações, como o sonho de se tornar uma diáspora, abriram o caminho (*ouvè wout la*) para milhares de haitianos que vivem no Brasil [...].

Conversando com os entrevistados, percebi o quanto eles arriscaram suas vidas para encontrar uma vida melhor e pegaram *wout* (as rotas/as estradas). Atravessaram cerca de onze países antes de chegar ao seu destino. Entre as experiências que mencionaram estava a selva de Darién. O ditado "*la selva come*" era usado para indicar que a selva pode engolir você, em caso de chuvas fortes, operações militares ou na presença de grupos paramilitares e traficantes de drogas. Clifford passou cinco dias na selva, onde sua família ficou sem comida ou água potável por dois dias com sua namorada grávida. James, por outro lado, disse que esse caminho era um pesadelo para ele. Se ele dorme e sonha com esse caminho, ele tem um dia muito ruim, como uma experiência que ele queria esquecer, porque no meio do caminho, ele se perguntou por um longo tempo: “Por que tomamos essa decisão? Por que estou levando minha amada esposa por esse caminho?”.

A descrição de Clifford revelou uma rota difícil de seguir devido ao calor e à umidade. Embora o guia tivesse planejado uma rota melhor, o final era mais longo e os intervalos de 30 minutos não foram respeitados, sob pena de abandono. Era importante que os contrabandistas colombianos soubessem a composição do grupo que levariam até a fronteira com o Panamá, pois sua reputação poderia ser questionada.

Após essa rota, ao chegarem aos Estados Unidos, enfrentaram sérios problemas com familiares que cogitavam essa rota. Levaram os imigrantes para um campo de refugiados ou para uma família que concordasse em apoiá-los até que obtivessem seus documentos, e então partissem em busca do primeiro emprego para se sustentar e enviar dinheiro de volta ao Haiti.

Finalmente, esta pesquisa teve como objetivo descrever e analisar os caminhos e rotas percorridos por imigrantes para chegar ao Brasil e depois, por motivos familiares ou outros,

partir para outro destino em busca de uma vida melhor. A mobilidade de quem sai pode contribuir para a imobilidade de quem fica e vice-versa, principalmente quando quem embarca na estrada sustenta a família que permaneceu no país. Essa troca revela que os imigrantes que saem do Brasil apreciam profundamente este país. Um dos entrevistados chega a mencionar a ideia de voltar para cá um dia, sonhando em construir uma casa e compartilhar um churrasco com os amigos, um lugar onde se sentiria em casa.

REFERÊNCIAS

AE. Dilma chega ao Haiti e é recebida com festa. **Agência Estado**, 1º fev. 2012. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/02/01/interna_politica,275571/dilma-chega-ao-haiti-e-e-recebida-com-festa.shtml. Acesso em: 20 maio 2025.

ALVARENGA, Darlan. Economia em 2015: o ano em que o Brasil andou para trás. **G1**, São Paulo, 19 dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2015/12/economia-em-2015-o-ano-em-que-o-brasil-andou-para-tras.html>. Acesso em: 12 out. 2025.

ANDRADE, Marília Pontes de. Haitianos no Brasil: entre a mobilidade forçada e o projeto migratório. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 540-559, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/19805314321>. Acesso em: 12 jun. 2025.

ARAÚJO, Adriano Alves de Aquino; OLIVEIRA, Adriana Capuano de. O conceito de redes: apontamentos referentes à imigração haitiana para o Brasil. **CONINTER 3**, Salvador, p. 164-176, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2024.

BAENINGER, Rosana *et al.* **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2017. Disponível em: <https://livrariapublica.com.br/livros/imigracao-haitiana-no-brasil-rosana-baeninger/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BARBOSA, Fernando de Holanda :Crises econômicas e políticas de 2015: origens e consequências. **Conjuntura Econômica**, v. 69, n. 9, set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rce/article/view/57758>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração (CNIg). **Resolução Normativa n.º 97, de 12 de janeiro de 2012**. Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei n.º 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 jan. 2012. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083>. Acesso em: 27 jan. 2026.

BRASIL. Marinha do Brasil. **MINUSTAH**. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. Brasília, DF, [s. d.]. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/cgcfm/minustah>. Acesso em: 27 jan. 2026.

BRASIL. **Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012**. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 59, 13 jan. 2012. Disponível em: https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/1541/1/REN_CNIG_2012_97.pdf. Acesso em: 12 out. 2024.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **A Era das Migrações**: movimentos internacionais de população no mundo moderno. 4. Ed. São Paulo: UNESP, 2014.

CAVALCANTI, Leonardo *et al.* **A imigração haitiana no Brasil**: características sociodemográficas e laborais na região Sul e no Distrito Federal. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, [s. d.]. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/publicacoes/A_imigra%C3%A7%C3%A3o_Haitiana_no_Brasil_Character%C3%ADsticas_Demogr%C3%A1ficas_na_regi%C3%A3o_Sul_e_no_Distrito_Federal.pdf. Acesso em: 12 abr. 2025.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu; ARAUJO, Dina (org.). **Relatório anual 2016**: a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Observatório das migrações internacionais (OBMigra): Brasília, 2016. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados_anuais/RelatorioCompleto_v8_0512_pages_pelhada_comcapa.pdf. Acesso em: 12 out. 2025.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu; SILVA, Sarah F. Lemos (org.). **Relatório anual 2023: Resumo Executivo**. OBMIGRA 10 anos: pesquisas, dados e contribuições para políticas públicas. Observatório das migrações internacionais (OBMigra): Brasília, 2023. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMIGRA_2023/Relat%C3%B3rio%20Anual/Resumo%20Executivo%2005.12%20-%20final.pdf. Acesso em: 12 out. 2025.

DIAS DE JESUS, Alex, O Brasil na diáspora haitiana. Processos de entrada, de circulação e distribuição no território, p. 77-102, 2023. In: SATHLER, Conrado Neves; NUNES, Flaviana Gasparotti; FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de [org.]. **Teses premiadas na Faculdade de Ciências Humanas/UFGD**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/373772858>. Acesso em: 12 out. 2025.

EFE. Dilma inicia visita ao Haiti nesta quarta-feira. **Gazeta do Povo**, 10 fev. 2026. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/dilma-inicia-visita-ao-haiti-nesta-quarta-feira-7py8ccoydnbzlv38ey1qbcdou/>. Acesso em: 15 maio 2025.

FERNANDES, Duval Magalhães. Migração internacional e refúgio: dilemas da mobilidade no século XXI. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 29, n. 2, p. 263–270, 2012.

FIGUEIREDO, Felipe – XADREZ VERBAL – Imigrantes Haitianos, 2014. [Internet]. 7'05''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1z2TsLw0uZk>. Acesso em: 12 out. 2025.

GEORGIA (U.S. state). In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. Disponível em: [https://en.m.wikipedia.org/wiki/Georgia_\(U.S._state\)](https://en.m.wikipedia.org/wiki/Georgia_(U.S._state)). Acesso em: 12 abr. 2025.

HALLAK NETO, João *et al.* **A inserção do imigrante no mercado formal de trabalho brasileiro entre 2011 e 2020**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Coordenação-Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

HANDERSON, Joseph. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. **Périplos: Revista de Estudos Sobre Migraciones**, v. 1, n. 1, p. 7-26. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/5866. Acesso em: 12 out. 2025.

HANDERSON, Joseph. Diáspora: o sistema de imigração haitiano na América do Sul. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n 43, p.17-50, 2015.

HANDERSON, Joseph. Diáspora: sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 43, p. 51-78, 2015.

IMIGRANTE haitiano diz que país não precisa de 9 mil brasileiros em força de paz. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (41 min). Publicado pelo canal TV Senado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EVhnhHilemQ>. Acesso em: 20 out. 2025.

LARA, Rafaela. Em 2010, terremoto de magnitude similar matou mais de 200 mil pessoas no Haiti. **CNN Brasil**, São Paulo, 14 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/em-2010-terremoto-de-magnitude-similar-matou-mais-de-200-mil-pessoas-no-haiti/>. Acesso em: 12 out. 2025.

MACEDO, Claudia Adriana. **Imigrantes Haitianos no Brasil**: trajetória e perspectivas. São Paulo: Editora Dialética, 2020.

MESSIAS DA SILVA, Leda Maria; SOMENSI DE LIMA, Sarah. Imigração Haitiana no Brasil: os Motivos da Onda Migratória, as Propostas para a Inclusão dos Imigrantes e a sua Proteção à Dignidade Humana. **Revista Direito, Estado E Sociedade**, n. 48. Disponível em: <https://doi.org/10.17808/des.48.541>. Acesso em: 12 out. 2025.

MIGRANTES do Haiti. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (32 min). Publicado pelo canal Câmera dos Deputados. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bSqf8u1WA7g>. Acesso em: 20 out. 2025.

MONTINARD, Melanié. *Pran wout la nas experiências de (i)mobilidade haitianas nas Américas. Dossiê: Movimentos migratórios: perspectivas interdisciplinares da mobilidade humana*, v. 14, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8672020>. Acesso em: 12 out. 2025.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MOURA, Rosa. Migrações e fronteiras no contexto contemporâneo. **Boletim regional, urbano e ambiental**, n. 20, jan./jun. 2019. p. 11-27. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/6e3c4584-9cf8-4f82-9987-794792a4fbbb>. Acesso em: 12 out. 2025.

RAZABONI JUNIOR, Ricardo Bispo; LEÃO JÚNIOR, Teófilo Marcelo de Arêa. Imigração haitiana no Brasil: uma análise à luz do princípio da dignidade da pessoa humana e do direito à vida. **Revista Do Instituto De Direito Constitucional E Cidadania**, v. 4, n.1, p. 148-162, 2019. Disponível em: <https://revistadoidcc.com.br/index.php/revista/article/view/24>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

STAUDT, Taíse. **Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de Haitianos no Brasil**. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em História). Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, Santa Catarina, 2018.

U.S. CUSTOMS AND BORDER PROTECTION (CBP). **CBP One — Ficha Técnica: utilizando o aplicativo CBP One para agendar uma entrevista**. [s. d.]. Disponível em: <https://www.cbp.gov/sites/default/files/assets/documents/2023-Jan/>

[CBP%20One%E2%84%A2%20Ficha%20T%C3%A9cnica%20-%20Portugu%C3%AAs.pdf](#).

Acesso em: 12 out. 2025.

VALENCIA, Alejandro Milán. O inferno que é atravessar a selva 'mais perigosa' da América Latina. **BBC News Brasil**, BBC Mundo, 3 fev. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42889409>. Acesso em: 12 out. 2025.

VASCO, Paulo Sérgio. Migração: nova lei assegura direitos e combate a discriminação. **Jornal do Senado**, Brasília, 27 jun. 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/536084/EspecialCidadania_599.pdf?sequence=1&isAllow%20ed=y. Acesso em: 12 out. 2025.